



Universidade de Brasília
Faculdade UnB Planaltina
Licenciatura em Educação do Campo
Habilitação: Ciências da Natureza e Matemática
Turma: Andréia Pereira dos Santos

***A Luta pelo território: histórias e memórias do
povo Kalunga***

Vilmar Souza Costa

Orientador: Luis Antonio Pasquetti

Brasília, dezembro 2013

Vilmar Souza COSTA

A Luta pelo território: histórias e memórias do povo Kalunga

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo – LedoC, da Universidade de Brasília, como requisito parcial á obtenção ao título de licenciado em Educação do Campo, com habilitação na área da Ciência da Natureza e Matemática.

Orientador: Prof. Dr. Luis Antonio Pasquetti

Brasília, DF dezembro, 2013

VILMAR SOUZA COSTA

**A Luta pelo território: histórias e memórias do povo
Kalunga**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo – LedoC, da Universidade de Brasília, como requisito parcial á obtenção ao título de licenciado em Educação do Campo, com habilitação na área da Ciência da Natureza e Matemática.

Aprovado em ____/____/2013

Banca Examinadora:

Prof^o. Dr^o. Luis Antonio Pasquetti (UnB/FUP) – Presidente

Prof^a. Dr^a. Mônica Castanga Molina (UnB/FUP) – Membro interno

Prof^a. Msc. Elisângela Nunes Pereira – Membro Externo

Brasília, Planaltina – DF

2013

DEDICATÓRIA

A toda minha família, por todo o apoio e incentivo nessa caminhada, a minha querida e amada mãe, Gertrudes Dias Santana, a minha esposa Luceni dos Santos Rosa e minha filha Dara Rosa. Agradeço aos meus irmãos: Katia Cilene, Marcelina Neta, Sildeniro, Gilza, Maiza, Deuzilene, Girlene, Deuzeth, João Filho, Dimaci, Zeca e Ricardo. Agradeço também aos meus avos e tios por ter sempre acreditado em mim, e que essas realizações e de todos nós.

Aos (as) amigos (as) que eu conquistei e que me conquistaram que essa vida me deu de presente, e vou levar para a vida toda.

Quero também dedico a uma pessoa muito especial que ainda sei pouco, mas esse pouco que sei é que realmente é uma pessoa que luta e faz a diferença quando a assunto é educação, tenho com muito respeito e admiração Mônica Molina, muito obrigado por lutar pelo uma educação voltada para aqueles que sempre foram excluídas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a minha família por ter tido toda paciência e apoio nessa caminhada.

Agradeço a minha comunidade que eu pertencço, comunidade Kalunga com muito orgulho e amor sempre me apoiou.

Agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Luis Antonio Paqueti, por não ter desistido de mim e ter me aturado por todo esse tempo.

Agradeço aos méis colegas do curso de Licenciatura em Educação do Campo, pois juntos construímos uma família onde brincando e às vezes brigando sempre em busca de um objetivo. Não posso também deixar de agradecer minha amiga que sempre me deu apoio e incentivo para que eu continuasse meus estudos; Núria Renata do Nascimento meu muito obrigado. Agradeço todos os meus professores e professoras do Curso de Licenciatura em Educação do Campo Professores: Paquete, Juarez, Bernard, Vicente, Danilo, Tiago, Márcio, Valter, João Batista, Mônica Molina, Laís Mourão, Ana Izabel, Ozanete, Silvanete, Ana Laurent, Valéria Labréa, Norma, Berta, Eliete, Suzanne, Tamiel, Fabio, Rogério e todos outros que fez parte diretamente ou não da LEdoC, todos os funcionário.

Ao PIBID Diversidade que auxilia com recurso financeiro e política pública em prol da formação iniciante do educador do campo.

As cozinheiras da Colônia que foi nossas mães, nos tratando com todo o carinho. Agradeço a sucupira, catolé, a Aroeira, O Jatobá, todas as arvores do nosso cerrado de nos espirou muito nas nossas reflexão e expiração do dia a dia fica assim o meus agradecimentos a todos.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo registrar a luta e a trajetória do povo Kalunga na conquista do território em Cavalcante, Estado de Goiás, tendo como base de pesquisa a memória de lideranças e de jovens bem como documentos oficiais e bibliografias já escrita sobre o povo kalunga. Dessa forma eu busco entender como foi criado o Quilombo kalunga, e a luta de sobrevivência do cotidiano desse povo que vive nessa comunidade há mais de 300 anos entre serras e beira de rios num lugar de difícil acesso que muitos vivem ate hoje esquecido de tudo, por parte dos poderes governamentais. A partir das histórias e memórias de lideranças, a pesquisa indicou como o processo de lutas foi longo e com muitos sacrifícios, mas hoje já avançou muito em relação ao que era no passado, a organização interna das comunidades, os vários projetos que foram implantados, o acesso a educação do campo, a área do turismo, as festas religiosas, a cultura Kalunga, porém todos apresentam pontos positivos e negativos, os desafios continuam. Esta pesquisa demonstra ainda como somos desvalorizados nesse País que tem como predominância na sua formação o povo negro, que foi chicoteado, amarrado, marcado, massacrado na construção de belos monumentos histórico do nosso Brasil

Lista de Figuras

| | |
|---|----|
| Ilustração. 1. Placa que indica a área do Território do Quilombo Kalunga..... | 16 |
| Ilustração. 2. Vista da serra do Vão de Almas..... | 17 |
| Ilustração. 3. Rio Branco Vão de Almas mulheres e crianças lavando roupa e pessoas atravessando de Canoa..... | 17 |
| Ilustração. 4. Cerca de pedra feita pelos Escravos no Engenho II..... | 19 |
| Ilustração. 5. Cerca de roça de pau a pique..... | 21 |
| Ilustração. 6. Roça de arroz crescendo e maduro | 22 |
| Ilustração. 7. Mapa Geral das Localidade do Sítio Histórico Cultural do Quilombo Kalunga..... | 26 |
| Ilustração. 8. Certificado do reconhecimento do Quilombo Kalunga assinado pelo Presidente Lula..... | 27 |
| Ilustração. 9. Casa Digital Engenho II | 46 |
| Ilustração. 10. Foto cachoeira Candaru Engenho II e Mirante Vão do Prata...47 | |
| Ilustração. 11. Casa de tia Eva e Vani no Prata e casa de Januario..... | 51 |
| Ilustração. 12. Império do Divini Espírito Santo Vão de Almas..... | 52 |
| Ilustração. 13. Folia do Divino comunidade Prata | 52 |
| Ilustração. 14. Dança da Sussa Vão do Moleque..... | 52 |
| Ilustração- 15- foto do autor e família | 56 |

Lista de siglas

AKC – Associação Kalunga de Cavalcante

AQK – Associação Quilombo Kalunga

AKCE – Associação Comunitária Engenho II

CIEMA – Ciências da Natureza e Matemática

DF – Distrito Federal

IDAGO – Instituto de Desenvolvimento Agrário de Goiás

RTC – Relatório Técnico Científico

ENERA – Encontro Nacional dos Educadores e Educadoras da Reforma Agrária

FUP – Faculdade Universitária de Planaltina

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

PDT – Povo da Terra

LEdoC – Licenciatura em Educação do Campo

PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência

TC – Tempo Comunidade

EPOTECAMPO – Associação de Educação do Campo e Comunidades Rurais

TE – Tempo Escola

UNB – Universidade de Brasília

Terra! Vida sem vida, morte destemida...

Terra

TERRA, bem natural,
 Não é mercadoria, patrimônio,
 capital.
 Vejo, no passado e presente,
 Gente sem terra, terra sem gente.
 Generosa! Alimento, fruto do chão!
 Por que, existe fome de pão?
 Terra apropriada, gente matada!
 Morte semeada, Vidas ceifadas!
 Sugada, destruída, maltratada,
 Poucos a detêm concentrada.
 Das sesmarias, propriedade
 privada,
 Ao latifúndio, arame, cercada.
 Povos nativos exterminados,
 Negros escravizados.
 Sertanejos, desprovidos!
 Imigrantes, excluídos!

Vejo ganância, explorados, patrão,
 Assassinatos, tiros, balas, corpos
 no chão!
 Cercas, sangue, terra manchada!
 Omissão, crimes contra a enxada.
 Estado, leis, mandados, imposição!
 Despejos, gritos, choro, caixão.
 Violência, repressão, fome, miséria,
 Injustiças, impunidade, barbárie,
 guerra.

Enfrentamento, resistência, lutas,
 esperança,
 Da terra a semente, um broto
 levanta.
 A morte enfrentada em defesa da
 vida,
 Oportunidade, trabalho, dignidade,
 comida.
 No ventre dos sonhos, povo
 destemido,
 Madruga, não cansa! Povo
 Aguerrido
 Fértil, fecunda, terra pro povo...
 Dela e por ela, renascerá o projeto
 novo!

Clairton Buffon

Sumário

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO | 11 |
| | |
| CAPÍTULO I | |
| 1 História e Memória do Povo Kalunga na visão de suas lideranças | 13 |
| 1.1 A Chegada do kalunga | 13 |
| 1.2 Isolamento do povo Kalunga | 16 |
| | |
| CAPITULO II | |
| 2. O Território Kalunga na Atualidade: Organizações e Projetos..... | 41 |
| 2.1 Associação de educação do Campo do território Kalunga e Comunidades Rurais (EPOTECAMPO) | 41 |
| 2.2 Associações Quilombo Kalunga (AQK)..... | 43 |
| 2.3 Associações Comunitária Kalunga Engenho II..... | 44 |
| 2.4 Associação Kalunga Cavalcante-GO..... | 44 |
| 2.5 As Novas tecnologias na Comunidade Kalunga: A Casa Digital..... | 45 |
| 2.6 Grupos de Arte Kalunga – MATEC..... | 46 |
| 2.7 Turismos na Comunidade Kalunga..... | 46 |
| 2.8 Potencialidades e problemas | 47 |
| 2.9 As Moradias..... | 49 |
| 2.10 Festas Culturais | 50 |
| 2.11 As Religiões | 53 |
| 2.12 A Juventude: | 53 |
| | |
| CAPITULO III | |
| 3. A história de vida do autor e a Educação do Campo..... | 55 |
| 3.1 A Educação do campo em minha vida..... | 57 |
| 3.2 A Educação do Campo | 58 |
| 3.3 A Licenciatura em Educação do Campo..... | 59 |
| IV. Considerações Finais | 61 |
| Referências Bibliográficas: | 62 |
| ANEXO I – Decreto Assinado pelo Presidente da República..... | 64 |

INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso da Licenciatura em Educação do Campo na área de habilitação ciência da natureza e matemática tem como tema de pesquisa o registro da história e da luta dos Quilombolas no Território Kalunga em Cavalcante- GO. Esta pesquisa também mostra a história do território construída pelas memórias de lideranças, moradores e jovens da comunidade e também com o uso da pesquisa bibliográfica sobre histórias já produzidas sobre o território Kalunga.

Um dos principais objetivos é registrar os acontecimentos da comunidade para não perder a nossa ancestralidade dos nossos antepassados que desde mais 350 anos vivem nesse território, que mesmo esquecidos pelos governantes das esferas: Municipal, Estadual e Federal, nós temos muito orgulho de ser quilombola.

Trago nesse trabalho de conclusão de curso uma parte de nossa história de vida e luta para sobreviver, num espaço, rodeados pelos patrões donos dos poderes - fazendeiros, grileiros, garimpeiros, entre outros.

No estado de Goiás a presença do escravo negro surge em decorrência da mineração por volta de 1725, onde o trabalho árduo, os maus tratos e a violência a que eram submetidos gerava revoltas e resistências em forma de “guerrilhas, nas insurreições urbanas, nas constantes fugas para locais de difícil acesso, onde organizavam os mocambos ou quilombos ” (RASSI, 2001 p.64).

Os lugares em que os negros fugitivos se instalavam, geralmente eram fundo de vale, serras e morros. Os quilombos significavam resistência para negros africanos, pois na cultura africana quilombo é caracterizado como lugar cercado e fortificado.

Durante e após a escravidão no Brasil, as comunidades quilombolas se espalharam pelo País em estados como Alagoas, Bahia, Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais, Pernambuco, Acre e Roraima. Com a abolição da escravidão, os escravos libertos foram submetidos numa sociedade a qual não os acolheu.

Parte desses negros que eram libertos, representavam um movimento amplo e permanente que se caracterizava pelas seguintes dimensões: vivência de povos africanos que se recusavam á submissão, á exploração, á violência do sistema colonial e do escravismo; formas associativas que se criavam em florestas de difícil acesso, com defesa e organização socioeconômico-política própria; sustentação da continuidade africana através de genuínos grupos de resistência política e cultural. (NASCIMENTO, 1980,36).

A metodologia utilizada neste trabalho foi a pesquisa qualitativa. A metodologia de pesquisa, para Minayo (2003, p. 16-18) é o caminho do pensamento a ser seguido. Ocupa um lugar central na teoria e trata-se basicamente do conjunto de técnicas a ser adotada para construir uma realidade. A pesquisa é assim, a atividade básica da ciência na sua construção da realidade. A pesquisa qualitativa, no entanto, trata-se de uma atividade da ciência, que visa a construção da realidade, mas que se preocupa com as ciências sociais em um nível de realidade que não pode ser quantificado, trabalhando com o universo de crenças, valores, significados e outros construto profundos das relações que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 2003, p. 16-18)

Entre as principais características da pesquisa qualitativa, que embasam este trabalho estão: o ambiente (o território Kalunga) como fonte direta dos dados e o pesquisador (autor deste trabalho) como instrumento chave; possui caráter descritivo; o processo é o foco principal de abordagem e não o resultado ou o produto; a análise dos dados foi realizada de forma intuitiva e indutivamente pelo pesquisador; não requereu o uso de técnicas e métodos estatísticos; e, por fim, teve como preocupação maior a interpretação das entrevistas concedidas pelas lideranças.

A pesquisa qualitativa não procura medir os eventos estudados, nem usa instrumental estatístico na análise dos dados, neste trabalho usamos a memória das lideranças, para obter informações sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da pesquisa. Histórias e ememórias foram coletadas com: (a) a realização de nove entrevistas com lideranças e jovens da comunidade,

através da memória histórica, identificando os principais acontecimentos desde a chegada á Goiás a criação do Quilombo Kalunga; (b) Pesquisa documental (dados, registros históricos, livros, reportagens, fotografias...) (c) Pesquisa bibliográfica sobre os principais conceitos: Quilombo, Luta pela Demarcação, Território, Cultura Quilombola.

O trabalho esta dividido em três capítulos: No primeiro capítulo aborda-se (I) História e Memória do Povo Kalunga na visão de suas lideranças, onde foram entrevistadas dez pessoas, no segundo (II) Eu trago um pouco de como se encontra o Território Kalunga na Atualidade, suas organizações, projetos que estão funcionando nas comunidade Kalunga no município de Cavalcante Goiás, e no terceiro (III) A História de vida do autor e relação com a Educação do Campo, e finalmente as considerações finais.

CAPITULO I :

História e Memória do Povo Kalunga na visão de suas lideranças

1.1 A Chegada do Kalunga (A Criação do território kalunga)

Foi em 1722, quando Bartolomeu Bueno, o Anhangüera, e João da Silva Ortiz fecharam o ciclo bandeirante, com a ocupação das terras centrais – que surgiu o Estado de Goiás, em pleno ciclo do ouro e da garimpagem.

Utilizados como mão de obra escrava, os negros andavam cansados da submissão e dos castigos sofridos na exploração das "Minas dos Goyazes". Muitos fugiram, escondendo-se na mata, entre serras, num local de difícil acesso. A partir daí é que deu início a formação do quilombos, no município de Cavalcante, na região conhecida como Morro do Chapéu (hoje município de Monte Alegre), formando assim o povo Kalunga nessas regiões.

Segundo números do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) , o Estado de Goiás conta com uma grande parte de afro descendentes, com diversas expressões culturais. No nordeste goiano está localizada a maior comunidade quilombola do Brasil, a comunidade kalunga, com uma população de aproximadamente 5 mil quilombolas. Essa comunidade negra é originadamente formada por descendentes de escravos, que fugiram de cativeiros e organizaram um quilombo, num dos lugares mais bonito do Brasil, a Área de Preservação Ambiental do Pouso do Alto e Região da Chapada dos Veadeiros no nordeste goiano. (IBGE, 2012).

A construção de conceito de quilombo a partir de brasileiros foge à origem (acampamento em quimbundo) para assimilar representações do dominador, do poder do sistema colonial. “As representações refletem a ideologia da época que classificava o escravo que fugia como “elemento provocador” e “ criminoso”, um perigo para o país, “ um atentado contra o reino português”. Daí sua conotação sempre ligada a um processo guerreiro (Quilombo de Palmares, Ambrósios entre outros).

A historiografia brasileira registra que quilombo é um conceito próprio dos africanos bantos, que vem sendo modificado através dos séculos. “O

conselho Ultramarino de 1740 define Quilombo como “ toda habitação de negros fugidos que passem de cinco, em parte desprovida, ainda que não tenham ranchos levantados nem se achem pilões neles” Quilombo é termo banto e quer dizer acampamento guerreiro na floresta.

Os Quilombos constituem formas organizacionais onde o africano, em um processo extremos de afirmação, parte da “ passividade ” e “ resignação”, tão decantadas, para posições de resistência contra o esfacelamento da sua identidade, de seu grupo (BAIOCCHI: 1983).

Na história da Cavalcante consta que antigamente nas minas de ouro no povoado que hoje se encontra aterrado São Felix já possuíam mais de 9 mil pessoas trabalhando por volta de 1722 a 173, ou seja pessoas sendo escravizadas. Os negros fugitivos do litoral e do arraial de Cavalcante se escondiam nos grotões e vãos da serra do Vale do Paraná, um verdadeiro território africano com clima, fauna e flora apropriados ao povo Kalunga que ali sobreviveu escondido por mais de 190 anos sem contato com a civilização.

O que sabemos é que essa área que ocupamos ha mais de 300 anos, só foi reconhecida em 1991, pelo Governo do Estado de Goiás como Sítio Histórico e patrimônio cultural kalunga, que também é parte do patrimônio histórico e cultural do Brasil.

De acordo com Silveira (1980) os Kalungas, estão em área privilegiada com grande numero de cachoeiras nascentes, e ocupam a maior área de cerrado preservado e com a maior biodiversidade do mundo, e é o maior quilombo do Brasil, com 253.000 há, que envolve áreas dos municípios de Cavalcante, Teresina e Monte Alegre de Goiás.

Para outro autor Jatobá (2002) a comunidade formou-se com mulheres e homens negros que se dirigiram para os vales da região nos séculos XVIII e XIX, ele afirma quer:

A partir de então a região manteve-se de “certo modo isolada do poder oficial” (Baiocchi, 1999) até a década de 1980, constituindo-se em uma comunidade étnica sob o signo da resistência (Jatobá,2002).A espacialidade Kalunga obedece a uma divisão territorial simbólica. Cada morador tem espaço definido, com direito coletivo de ir e vir, usar as águas, caçar,

pescar etc. Há cinco principais núcleos ou “municípios” (Baiocchi, 1999): Contenda, Kalunga, Vão das Almas, Vão do Moleque, Ribeirão dos Negros (nome antigo)/Ribeirão dos Bois (nome recente), subdivididos em quase uma centena de “agrupamentos” (Contenda, Barra, Riachão, Sucuriú, Curral de Taboca, Saco Grande, Tinguizal, Boa Sorte, Bom Jardim, Areia etc). Vão do Moleque: área mais vulnerável ao avanço da fronteira econômica (empresas rurais e mineradoras).

Recebe migrações internas e alianças matrimoniais. Caracteriza-se como um dos núcleos mais populosos. Vão das Almas: recebe migrações internas e alianças matrimoniais. Vão das Almas e do Moleque contam juntas com cerca de mais de 2000 moradores. Contenda – nasceu de uma “doação de madrinha”. Mais de meia centena de moradores. “As suas arribanas, construídas com palhas de babaçu e outros coqueiros, conservam as características e a simplicidade das aldeias da África” (Baiocchi, 1999:83). População mais “arredia”, afasta-se de contatos com estranhos. Entretanto, as primeiras denúncias ao IDAGO (Instituto de desenvolvimento Agrário de Goiás) vieram desta localidade. Ribeirão dos Bois ou dos Negros: Há 15 localidades. 96 famílias estão desalojadas, aguardando a demarcação e titulação definitiva de suas terras. Conflitos com grileiros, fazendeiros, empresários rurais. Registros de invasões, mortes, além de casas e roças incendiadas. Apesar da existência de uma primeira titulação coletiva (1985), 600 pessoas foram despejadas. Riachão: na margem direita do rio Paraná. 29 moradores. Casas de barro socado.

Com mais de 20 comunidades nativas que preservam uma cultura remanescente dos quilombolas, o Sítio Histórico do Patrimônio Cultural Kalunga é uma das maiores riquezas culturais do município de Cavalcante. Dentro do Quilombo são quatro os núcleos dos Kalungas: Vão de Almas, Vão do Moleque, Ribeirão dos Bois e Contenda.



É importante destacar que a concepção arraigada entre nós de que a história e a ciência que estuda o passado, e que sua função seria somente resgatar esse passado para nos ajudar a compreender o presente e o futuro. Onde mostra que esse modo de ver a história quase torna uma vidente que, diante de uma bola de cristal, daria resposta a tudo. Conceder a história desse modo pode transformá-la numa ciência passiva e linear. Mostra que o estudo da história é muito complexo, porque a história ao reconstruir ao passado ela assume um compromisso também com o presente, fazendo com que os homens faça reflexões sobre sua próprias experiências como sujeitos coletivos, assim contribuindo para que esteja habito de posicioná-los diante do futuro.

Então assim, podemos afirmar que a história é a ciência que estuda o passado, com o compromisso crítico de nos fazer compreender, questionar e tentar transformar o presente e nos direcionar para um futuro que desejamos. Ver a história sob esse ponto de vista recuperar sua dimensão política e

emancipatória, tal como nos lembra a filosofia de Walter Benjamin citado por Saraiva:

Existe uma concepção arraigada entre nós de que a história e a ciência que estuda o passado e sua função seria somente resgatar esse passado para nos ajudar a compreender o presente e o futuro. Esse modo de ver a história quase a torna uma vidente que, diante de uma bola de cristal, daria resposta a tudo. Conceder a história desse modo pode transformá-la numa ciência passiva e linear.

O estudo da história é complexo. A história ao (re)construir o passado assume um compromisso com o presente, levando os homens a fazer reflexões sobre suas próprias experiências como sujeitos coletivos, contribuindo, desse modo, para posicioná-los diante do futuro. Assim, podemos afirmar que a história é a ciência que estuda o passado, mas com o compromisso crítico de nos fazer compreender, questionar e tentar transformar o presente e nos direcionar para um futuro que desejamos. Ver a história sob esse ponto de vista recuperar sua dimensão política e emancipatória, tal como nos lembra a filosofia Walter Benjamin. (Regina Coelly F. Saraiva)

Vimos também que a memória é o campo de atuação da história. Só que durante muito tempo, a história se preocupou mais em registrar experiência somente de alguns grupos, deixando outros de fora. E também deixava muito claro que sua preferência era de fazer registros somente de pessoas ilustres, fatos políticos econômicos das elites, e assim desconsiderando outros sujeitos históricos, seus saberes e fazeres. Ainda bem que a história foi revista e novas formas de concebê-la foram incorporadas ao seu campo de interpretação. O campo da história, ao ser ampliado, tornou possível reconhecer que memória/experiências de outros homens e mulheres também eram importantes para a história.

A memória é o campo de atuação da história. Mas durante muito tempo, a história se preocupou em registrar experiência somente de alguns grupos, excluindo outros. Deixava muito claro que sua opção era fazer registros somente de pessoas ilustres, fatos políticos econômicos das elites, desconsiderando outros sujeitos históricos, seus saberes e fazeres. Mas a história foi revista e novas formas de concebê-la foram incorporadas ao seu campo de interpretação. O campo da história, ao ser ampliado, tornou possível reconhecer que memória/

experiências de outros homens e mulheres também eram importantes para a história. (Regina Coelly F. Saraiva)

O que percebemos é que a história oral foi fundamental, Como metodologia que busca (re)construir o passado, e tornar possível que o campo da interpretação da história incorporasse as memórias dos vários sujeitos, transformando-os assim sujeitos históricos. Percebe-se que história oral tem como principal fonte de pesquisa a memória. Ao dar Vaz a homens e mulheres, a história oral torna possível reconhecer a história em sua múltiplas dimensões. Ela torna viva a relação entre a história, a memória e a identidade dos sujeitos.

Neste sentido, a história oral foi fundamental. Como metodologia que busca (re)construir o passado, tornou possível que o campo de interpretação da história incorporasse memória dos vários sujeitos, transformando-os em sujeitos históricos. A história oral tem como principal fonte de pesquisa a memória. Ao dar Vaz a homens e mulheres, a história oral torna possível reconhecer a história em sua múltiplas dimensões. Ela torna viva a relação entre a história, a memória e a identidade. (Regina Coelly F. Saraiva)

Percebe-se que também essa história está preocupada em registrar narrativas de grupos relegados ao esquecimento. Onde traz para o campo da história aquilo que foi silenciado; desvenda identidades, saberes anteriormente dos antepassados relegados. Onde reconhece nas narrativas o elemento capaz de permitir a compreensão do processo ativo da construção de significados sociais que são dados pelos diversos sujeitos.

Essa “história a construção” está preocupada em registrar narrativas de grupos relegados ao esquecimento. Traz para o campo da história aquilo que foi silenciado; desvenda identidades, saberes anteriormente relegados. Reconhece nas narrativas o elemento capaz de permitir a compreensão do processo ativo da construção de significados sociais que são dados pelos diversos sujeitos. (Regina Coelly F. Saraiva)

Segundo a autora Benjamin afirma que reconstruir narrativas significa, que as “interpretações sócias”, de mundo não estão fundada em visões

essenciais, mas em “múltiplas interpretações” dos vários sujeitos da história, construídas a partir da sua experiência na e com a cultura. Para ele, a experiência de homens e mulheres, de carne e osso, é que interessa para a história. Considerar essas experiências significa não conformar com os conteúdos e possibilidades cristalizadas, fixas em determinadas visões, em determinados projetos identitários. Incorporar visões, experiências, memória dos oprimidos significa construir uma alternativa para corromper silêncios.

Para Benjamin, é a memória que “arranca tradição do conformismo”, procurando no passado; nas tradições, sementes de uma outra história possível. Para ele, a memória é a redenção da história. Esse é o maior desafio do trabalho com a memória, a possibilidade de ver a história ser reconstruída a partir de múltiplos olhares.

No pensamento Benjaminiano está presente o príncipe construtivista de evocar a memória na arte de narrar; (re)construir memórias não no sentido de fazer um resgate do passado puro e simples, ou ainda fazer uma descrição desse passado “tal qual ele ocorreu de fato”, “fazer emergir esperanças não realizadas desse passado, inscrever em nosso presente seu apelo por um futuro diferente. Para isso, é necessário a obtenção de uma experiência histórica capaz de estabelecer uma ligação entre esse passado submerso e o presente” (GAGNEBIN, 1993,p.58).

A verdadeira narrativa da história parte de uma fonte, a experiência coletiva, aquela ligada a uma “tradição viva e coletiva” que traduz “um passado comum, permanentemente vivo no relato dos narradores” (BENJAMIN, 1987). As experiência do homens e mulheres, ao serem redimidas pela memória, criam condições para se escrever no presente os apelos do passado. Assim, a (re) construção das experiências permite refletir sobre seus significados nas ações da vida cotidiana onde a história transcorre.

Nas memória estão presente indenticidades que se manifestam ao serem (re) construídas, numa ação que Benjamin compreende como libertadora. Nessa ação “não só o que foi dito e feito é reconstruídos, mas também o que sonhado, o que foi desejado e ficou reprimido” (MAGALHÃES, 1997, p. 22)., a partir destas concepções apresentaremos a seguir as histórias e memórias neste território.

1.2 O “isolamento” do povo Kalunga

Desde os tempos distantes de suas origens, o isolamento do povo Kalunga nos vãos do Rio Paranã, e vales de serras foi uma forma de defesa contra senhores e os jagunços eles tinha muito medo de que á escravidão poderia querer de novo que eles fosse escravizado e tirado de seu quilombos.

Esse isolamento foi também sua força, que permitiu conservar seu modo de vida tradicional e sua identidade própria. Mas com o tempo, o isolamento também acabou sendo o seu ponto fraco. Porque, quando foi abolida a escravidão, o povo Kalunga já não teria mais razão para se manter afastado do resto da sociedade brasileira. Mas, então, foi a sociedade brasileira que se afastou do povo Kalunga. A sociedade simplesmente deixou a gente viver “largado”, como dizem os mais velhos.

Assim, eles foram ficando longe dos benefícios que o progresso poderia trazer para eles, onde outros pessoas que vivia em área que tinha acesso as pessoas que vinha de fora, tinha acesso alguns benefícios, a que eles que vivia nessas localidade de vale de serras não tinha. Mas, nos últimos trinta anos (a partir da década de 70/80), o povo Kalunga foi sendo obrigado cada vez mais a entrar em contato com a gente de fora, e conforme isso foi acontecendo, ele foi sentido que estava desprotegido e despreparado para lidar com aquele mundo. As pessoas não tinham recursos para enfrentar ameaças que aquele mundo representava, defendendo seu modo de viver e sua cultura. E nem sabiam como lutar pelas coisas que aquela outra realidade que não era a deles, e que poderia oferecer e que até então parecia tão distante deles.



Foto Vilmar S. Costa



Foto Vilmar S. Costa

Para M.F.S, 40 anos (2013) morador da Comunidade Kalunga Vão do Moleque, que é uma liderança do local, a luta sempre foi difícil:

Eu tenho 40 anos sempre morei nessa comunidade vivi sempre na roça da roça, sempre plantava só mesmo para sobreviver para manter comprar roupa calçados, essas coisas, meus pais nasceu aqui meu avo tem 94 anos disse que os pais dele também nasceu aqui nessa comunidade então o nosso processo de luta aqui vem de muitos tempos, nessa época que eu me lembro uns 30 anos atrás o sofrimento era muito, onde fazia a farinha, socava o arroz no pilão para trazer para cidade para estar trocando por outros alimentos que nos não tinha na comunidade, e era trazido para cidade no cargueiro que era gasto uma semana para ir na cidade e voltar.

O entrevistado fala de outros fatos que foram marcantes, que ele buscou junto aos seus ancestrais, seu avô, que hoje tem 94 anos, e como se realizava o pagamento pelo trabalho, e como os costumes foram mudando na comunidade com o passar dos tempos:

Fatos marcantes que eu me lembro que meu avo tem 94 anos e conheceu gente que dava um dia de serviço numa xícaras de sal hoje um saco de sal é dez reais, hoje você dá 3 sacos de sal num dia de serviço o cara não quer uma diária de serviço esta 40 reais compra 4 sacos de sal, uma calça de Algodão que eles falava dobrado era uma vaca de matagem hoje ninguém que usar essas coisas, só pra você ver o quanto eles sofreu, hoje tem gente nossa que esta até dispensando algumas doações de roupa. (M.F.S.40 anos, 2013).

M.F.S também valoriza o conhecimento dos ancestrais, afirmando:

O que eu até que falei que um dia eu ia sentar com meu avo para conversar com ele porque ele tem 94 anos ele até um é

um cara forte ele ainda vem de caminhão na cidade sobe desce faz suas compras passa troco tudo certinho, então ele tem muitas histórias para contar as vez agente fica no corre e corre hoje não tem tempo para fazer isso. (M.F.S.40 anos, 2013)

O que percebo que ainda hoje, o kalunga é reconhecido mesmo, como um lugar para se fazer pesquisas de diversas naturezas, que não sabemos ao certo sua verdadeira intencionalidade, sem nenhum retorno para comunidade, muitas das vezes os pesquisadores que fazem pesquisas na comunidade nem pedem autorização para comunidade, e mesmo se pegassem a autorização com as liderança que esta representando a comunidade perante aos órgão representativos. Eu entendo que tem que respeitar o direito das pessoas de não querer ser fotografado ou dar entrevista, porque muitas vezes pessoas que dão entrevistas em nome da comunidade que se dizem responsável pela comunidade não conhece a realidade verdadeira atual e a maioria delas não se preocupa com realidade das famílias simples que ali vivem.

Por isso neste trabalho buscamos as histórias contadas pelos próprios moradores, lideranças reconhecidas e jovens que moram no território. Iniciamos a narrativa, com a entrevista realizada com Seu Sirilo, presidente da Associação Quilombo Kalunga (AQK). Segundo ele a chegada do povo Kalunga se deu pela captura dos escravos trazidos pelos portugueses que compravam os escravos na África e eram despejados na Bahia para serem escravizados nas mineradoras junto com os Índios.

Segundo a pesquisadora Meire de Nasaré Baiocchi a formação do território, em estudo antropológico feito pelo IFAN ajudou a catalogar e criar tombamento onde foi feito a demarcação de acordo com o limite de pastagem das criações de animais das pessoas que estava naquela localidade e o que era necessário para eles e seus animas viver.

Os primeiros quilombolas tiveram que aprender a sobreviver na região da Chapada para poderem continuar livres. Essa adaptação deu origem à cultura de envolvimento e preservação da natureza que temos hoje. Há muitos tempos atrás, eram nós que dependíamos da natureza para sobreviver. Hoje,

é a natureza que também passou a depender do povo Kalunga para sua preservação, porque é aqui que se conservam diversas espécies de animais ameaçados de extinção, bem como as construções como a cerca de pedra vista na foto abaixo que foi feita pelos nossos antepassados.



Foto n.1 Cerca de Pedra – Vilmar

Os nossos antepassados aprenderam a conhecer o ambiente ao seu redor e distinguir no meio do mato o que serviria ou não para o seu sustento. Para garantir o alimento, passaram a observar e a reconhecer o tempo das chuvas, lua e os sinais da seca. Tudo isso era necessário para saber regular o plantio das roças, por exemplo. Aprenderam a caçar para quando faltasse a carne do gado que eles mantinham nos pastos nativos e das galinhas criadas na beira da casa.

É claro que muitas dessas coisas eles já sabiam. Porque era isso o que tinham feito a vida toda, na roça, na mina ou na cidade. Mas a diferença é que agora, em vez de trabalhar como escravos, podiam fazer tudo isso para si mesmos, para manter sua própria vida com dignidade.

Segundo F.E..T (76anos, 2013) a realidade dos kalungas mudou muito para melhor, porque uns 30 anos atrás tudo era muito isolado dos meios de acessos e comunicação, não só da cidade mais sim das outras comunidades, e com a chegada das estradas vem muitos benefícios para comunidade como por exemplo: no Engenho II chegou energia, estradas e um posto de saúde na

comunidade.

No momento agora melhorou muito, porque uns 30 anos atrás com a entrada do prefeito Zé Bandeira as coisas melhorou para nós tudo era feito no lombo do burro, com aberturas de estradas e a continuidade dos outros prefeitos que chegou depois dele aqui no Engenho 2 ficou bem melhor.

l o restante foi nos mesmos com a nossa luta, a grande conquista para nos aqui foi a chegada do posto de Saúde, aconteceu algumas travessias com as nossas famílias mas temos que conformar porque deus quis assim.

Hoje índia as coisas melhorou muito, temos mais direito de falar, não temos que viver escondido, temos direito alguns recursos como bolsa famílias e as aposentadorias ficou mais fácil pra nos que mora na rosa.

Peso a Deus que não deixa nossos jovens passar o que nos passamos, que prepara uma melhora para todos que aqui vivem com suas famílias.

De acordo com o entrevistado FGT: (F.E..T (76anos, 2013)

O entrevistado fala da constituição das famílias da comunidade Engenho II a maioria das pessoas que vive ali é da família de *Duruteu Francisco Maia e Manoel Daninha dos Santos Rosa*.

Aqui na comunidade Engenho II as pessoas não morava onde é o povoado hoje, as moradias era nas roças aqui por perto e quase todos era descendente da família de Duruteu Francisco Maia, Manoel Daninha dos Santos Rosa essas era as pessoas mais velhas que morava aqui no Engenho II. (F.E..T- 76 2013)

Percebeu-se que muitas lembrança fica memória, do senhor F. Seu Chinim disse que o casamento dos pais dele só aconteceu no padre depois que ele tinha casado, e os casamentos era coletivos primeiro tinha que batizar para depois então acontecer a cerimônia de casamento.

A escravidão muitos tinha medo e que esses tempos ruim voltasse e as pessoas fosse escravizadas novamente, as vez correu só de ver falar, porque os mais velhos falar que as pessoas trabalhavam muito pesado e

ainda apanhava, era esse o motivos das pessoas viver isolado. Quanto os tipos de alimentos que era cultivado (produzido) aqui antigamente é praticamente os mesmos de hoje, que são: milho, arroz, feijão, mandioca, banana, entre outros, a diferença é que antigamente as sementes era só da própria comunidade, hoje já tem outras sementes chegando de fora, como pode ver na foto ai as cercas de madeira que era comum para todos, hoje ainda é usada muito pouco, muita pessoas já tem condições de compra uma bola de arame farpado.



Ele disse que viu falar da escravidão e que os mais velhos tinha muito medo que esses tempo rui voltasse, porque as pessoas trabalhava muito o serviço era pesado e ainda apanhava muito, só de ver as cercas de pedras as cates dos garimpos deixado para trás tinha medo que tudo poderia voltar novamente. Os alimentos que era cultivado (produzido) aqui antigamente é praticamente os mesmos de hoje, que são: milho, arroz, feijão, mandioca, banana, entre outros ... (F.E..T- 76 2013)

De acordo com seu Sirilo, os Kalungas se organizam em comunidades que tem seus costumes de acordo com sua vivencia, em termos de moradias nas comunidades vejo que temos que formar aglomerações nas comunidades, em vez de ir para cidade o grande interesse da comunidade estar junto é bem melhor para nos conseguir recurso , e tudo que a cidade tem direito porque através da união que fortalecemos as conquistas dos nossos direito. Também afirma que: “temos que acabar com a ideia que se nos formamos agrupamentos perdemos os nossos direito da sua morada antiga”.

Na produção, de acordo com varias liderança, a comunidade kalunga de hoje não mudou muito do que era produzido antigamente; hoje no Quilombo são produzido arroz, feijão, mandioca, milho, abobora, batata doce, banana, cana, taioba, algodão, gergelim, amendoim, feijão andu, feijão de corda,

quiabo, machixo, melancia, jiló, etc..“tudo com as nossas sementes que eram trazidas e cultivadas pelos nossos pais”.



Com a agropecuária algumas dificuldades são apontadas:

Nós temos muitas dificuldades para criar nossas criações dentro do território, porque nós não temos o título definitivo das terras onde os fazendeiros não desocupa as terras e nossas criações fica com o espaço limitado, [muito] pequenos temos que criar poucas [criações] e é muito importante para criar nossos filhos. (S.S.R 2013)

Outra liderança entrevistada, foi o Sr. Paulo de Souza Ribeiro , com 73 anos que nasceu e foi criado na comunidade do Vão do Moleque. Segundo ele tem muitas coisas para contar:

... temos muitas passagens boa i ruim aqui dentro da nossa comunidade contada pelos nossos pais e avos e vivenciada por nos mesmo. Em relação as terras aqui é que nos nunca tivemos o documento dela em nossas mãos, são de procedência de herança dos nossos antepassados uma ou outra pessoa que conseguiu algum papel do IDAGO dizendo que tinha a documentação, mais uma vez que não pagava os impostos não tem mais o direito da pose. (P.S.R., 73 anos, 2013)

Na fala do Sr. Paulo de Souza Ribeiro, fica claro como a terra foi sempre muito disputada, por garimpeiros, fazendeiros, que sempre tentaram se apropriar do território, muitas vezes comprando algumas áreas, ou se apropriando indevidamente:

As nossas terras foram toda invadida por pessoas que vinha de fora e comprava uma posse de uma morador a troco de cesta básica e roupas usadas e quando ia cercar um arqueiro cercava 20 ou mais dizendo que tudo aquilo era dele, os garimpeiros e pescadores também chegaram dizendo que queria só ficar

acampado por uns dias no local, mais com o passa do tempo eles acabava tomando conta de um pedaço de terra também. (P.S.R. 73 anos, 2013)

Também se recorda das dificuldades que os pais relatavam para buscar produtos fora do território, fazendo longas jornadas pelos rios, e alguns produtos eram encontrados no Pará. Na travessia muitas pessoas morriam pelo caminho:

Eu me lembro de alguns acontecimentos da época e meus pais também contava algumas passagens que tinha acontecido com eles, onde meu pais dizia que uma das lutas bastante sofrida era a busca de sal que levava ate 4 meses para ir e voltar , antes de Barreira na Bahia e Formosa eles iam buscar Belém no Pará, essas viagens era feita de barcos por rio, eles contava que muitas das vez eles passava ate 3 dias no mesmo lugar , tinha algumas travessias muito difícil onde muitas pessoas morreu nos caminhos em busca da sobrevivência de suas famílias, onde os Barqueiros tinha que ser homens fortes para aquestrar a jornada. (P.S.R. 73 anos, 2013)

Calunga ou Kalunga é o nome atribuído a descendentes de escravos fugidos e libertos das minas de ouro do Brasil central que formaram comunidades autossuficientes e que viveram a mais de trezentos anos isolados em regiões remotas, de difícil acesso, próximas à Chapada dos Veadeiros. Nas comunidades, nos municípios de Cavalcante, Teresina de Goiás e Monte Alegre de Goiás.

Kalunga, o que na língua banto também significa *lugar* sagrado, de proteção. Além da planta que tem aqui em nossa região conhecida pelo nome de Kalunga, que é bem amarga e serve para curar vários tipos de doenças, no município de Monte Alegre tem também um córrego com o nome de Kalunga.

Os levantamentos da história oral indicam que o processo de ocupação da terra (serras, vãos, etc.) obedecem á preocupação de sobrevivência, de defesa e construção de uma vida. O que sabemos é que a conquista do território, como espaço de direito para nos kalunga viver, se deu mesmo com o

início do projeto Kalunga povo da Terra, pela pesquisadora, Mari de Nasaré Baiocchi em (1983/1998).

A e que firmam importantes marcos, que foi fruto de uma parceria de esforços conjunto entre os Kalunga, os membros do projeto e autoridades municipais, estaduais e federais, conforme cronograma dos principais acontecimentos abaixo relacionados:

Em 1981/1982

- Início do projeto Kalunga Povo da Terra.

1982/1984

- Solicitação de apoio ao Instituto de Desenvolvimento Agrário de Goiás- IDAGO. Assinatura do Termo de Intenções.

1985

- Primeira titulação e registro das terras. Governo Iris Resende Machado.

1986

- As reivindicações sucedem ao lado das investidas no Vão do Moleque, no Vão de Almas e no Ribeirão dos Bois.

1987

- Notícias da construção da Barragem "foz do Bezerra". Furnas / AS. Organização do Dossiê Kalunga.

1988

- O Dossiê Kalunga é entregue a Furnas / AS

1989

- As notícias de serviços no Ribeirão dos Bois promovem o deslocamento de um advogado do IDAGO acompanhado pela coordenação do projeto.

1990/ 1992

- A reunião consecutiva no município de Teresina de Goiás, na localidade de Borrachudo e outras. Comparece representante da Procuradoria da República em Goiás, Secretaria da Justiça. IDAGO Polícia Federal. Envio de carta- denúncia ao presidente da República. Preparação do Relatório Técnico Científico – RTC, para o governo do Estado de Goiás. Apresentação do Laudo Antropológico – RTC.

1991

- A Lei transformando a região Kalunga em Sítio Histórico e Patrimônio Cultural que é aprovada por unanimidade pela Assembleia Legislativa do Estado de Goiás, foi aí então que aconteceu a implantação do Sítio Histórico Kalunga.

1992

- Projeto Educação preparada pela equipe do projeto Kalunga Povo da Terra, com o apoio da Secretaria de

Educação de Estado de Goiás e Ministério da Educação
MEC¹

Associação Povo da Terra – APT.

1993 /1998

- Os trabalhos para demarcação, titulação e registro do território prosseguem, porém não estão concluídos porque até hoje no município de Cavalcante Goiás só uma fazenda foi indenizada, que foi a fazenda Corrente no Vão do Moleque.

Hoje, são cerca de 3.000 mil famílias que vivem no sítio histórico Patrimônio cultural Kalunga, que pode ser visto na imagem da página seguinte.

Algumas conquistas de políticas públicas, também são citadas por S.S.R:

que de uns tempos para cá, é que já temos alguns desses direitos que antes nós não tínhamos. Como por exemplo: as escolas que chegou tarde mas está bom, porque nossos filhos está tendo a oportunidade de estudar dentro da comunidade sem ter que sair muito novos de perto dos pais, oportunidade essa que nós não tivemos quando era adolescente, e que tinham a memória boa ainda, e você Vilmar por ser um jovem da comunidade que sempre está buscando melhoria para nos.

(S.S.R 2013)



Quando se referem a educação, as lideranças valorizam muito a conquista deste direito, e lembram das dificuldades que tinham no passado, porque quanto mais filhos pudessem estar na roça trabalhando maior era a possibilidade de sustento da família na quantidade das produções durante o ano.

O meu desejo é todas as comunidade tenha escolas em boas condições. Ter pessoas fazendo ensino superior para nos é muito importante, porque eles vão contribuir muito com a nossa comunidade com novos conhecimentos adquiridos fora.
(S.S.R 2013)

[as]... escolas antigamente quando tinha era muito longe e quando tinha, não tinha nem um interesse de colocar os filhos para estudar, porque se colocasse seus filhos para estudar era um companheiro a menos nos serviços de casa, como a plantações das roça , cuidar dos animais e outros mais. Hoje esta tudo bem melhor já tem escola mais perto de casa só não estuda quem não quer. (P.S.R. 73 anos, 2013)

O entrevistado, fala da importância de ter renda mensal como um emprego, e também a conquista das aposentadorias que de uma forma ou de outra acaba gerando renda para comunidade:

Mudou muito de uns tempos para cá porque nem bem aposentado não tinha, hoje já temos muitas pessoas que é aposentada e outros que recebe alguns tipo de benefício do governo, temos pessoas que tem emprego, eu mesmo tenho um salário todo mês então eu tenho mais facilidade para criar meus filhos nem só eu outros também na comunidade esta nessas condições. (M.F.S.40 anos, 2013).

Também fala sobre as melhorias ocorridas nas habitações de, uns tempos atrás e até os dias atuais.

As casas na comunidade naquela época quem tinha uma casa fechada era de pau a pique não tinha porta e alguns que tinha fechada de adobe era de palha. Hoje mudou um pouco já tem alguns de alvenaria e outras as maiorias são de adobe bem mais acabadas, alguns tem casa de telha fez por conta própria, outros já foi contemplado com doações do governos estão hoje nos já temos moradias bem mais adequado. (M.F.S.40 anos, 2013).

Os jovens reclamam mais da falta de oportunidades no território, como por exemplo o jovem, Leonildio Francisco Maia, 23 anos da Comunidade Kalunga Engenho II, que afirma:

Em relação ao nosso território melhorou muito, as casas muitas não são mais como era antes. Ainda tem muito para melhorar como a saúde, falta de energia em mais de 80% das comunidades kalungas. Os jovens não tem nada para que nos possa permanecer aqui com os nossos pais não tem políticas publicas que possa nos oferecer uma oportunidade por parte de nossos políticos. (L.F.M, 23 anos, 2013)

Porém as lideranças de meia idade, fazem outra leitura do seu tempo de juventude, afirmando a importância de estudar, e o sentimento de não ter dar continuidade continuar aos estudos, pelas dificuldades de não ter onde morar, condições de viver na cidade:

O sentimento maior que eu tive é que na minha época os jovens não tinha a liberdade que temos hoje, por falta de nossos pais não ter desenvolvido as vez não dada a chance para gente eu mesmo tinha vontade mais não achei apoio dos meus pais, eu também não condeno eles mais foi falta delis ter me dado

uma força, mais as pessoas falava que quem tem estudo vive e quem não tinha vive também, por causa de eu ter ido para escola com uma idade bem avançada foi um dos motivo de ter largada a escola mais cedo, minha vontade era de vir para cidade par mim estudar e trabalhar para me manter, sabe agente não ter alguns contato lá, acabei ficando por aqui mesmo, fiquei num sentimento muito grande que ate hoje eu nunca tirei da memória. (M.F.S.40 anos, 2013)

O entrevistado também afirma que é necessário maior união interna, e também se queixa do preconceito externo:

Os meios de comunicações precisa muito dentro do território kalunga. As casas da nossa comunidade melhorou um pouco, porque antes o que tinha era casa de palha, madeira e barro hoje já esta um pouco diferente . Eu vejo que precisa mais de interações de nos dentro da nossa comunidade mais união para nos obtermos os nossos objetivos. Por ser negro agente sempre sofre preconceitos, o negro ainda é bastante marginalizados. (L.F.M, 23 anos, 2013.)

Outra liderança fala da falta de infra estrutura ainda no território, que precisa melhorar, como as estradas, comunicação, e a questão da saúde:

O que falta para a comunidade kalunga mais, é a falta de estradas, luz, pontes porque quando falamos de estradas temos um trieiros mais não esta em boas condições porque nos hoje ainda encontramos isolados por que tem rio grande que quando esta chovendo ficamos ate 10 dias sem poder transitar ate mesmo numa localidade para outra já não falo para cidade, muitas das vezes tivemos que carregar gente na rede para tentar salvar vida. Precisamos de meio de comunicação por que só temos algumas pessoas que tem em casa é aquelas antenas rural , e de preferênciam um posto de saúde na comunidade para estar atendendo pelo menos um pouco ajudava bastante. (M.F.S. 40 anos, 2013)

Nas falas das lideranças o tema da saúde também aparece muito, porque haviam muitas doenças que não tinham cura e que mataram muita gente, por conta do tipo de moradia, principalmente com a doença de chagas e á malaria.

Já teve melhora também com relação as doenças antes era curado só com raiz de ervas e chá caseiro, e tinha algumas

doenças que não tinha cura hoje já tem as pessoas também tem interesse de procurar remédio para curar , já outras era muito atacado como a tuberculose, malária, chagas matou muito. O que melhorou foi a facilidade das pessoas ter acesso para estar procurando melhor condições de vida. (M.F.S. 40 anos, 2013)

Para Dona Getulia, a saúde também está ligada a tradição e a religião:

Os conhecimentos das ervas medicinais que são utilizados até hoje sustenta bons efeitos, é uma maneira de estarmos esvaziando os hospitais e que as pessoas não precisam sair da comunidade para ter cura das doenças mais simples que deparamos no dia a dia. Tem também os benzimentos, os trabalhos das parteiras e a ligação das pessoas com as tradições e curas, através das promessas que fazemos pedido aos nossos Santos, que são padroeiro e temos testemunham das curas através das promessas. (Getulia, 2013)

Para Leonilde: “A religião permanente na comunidade kalunga é a católica, mais estão entrando outras que no meu ponto de vista está interferindo na nossa cultura, nos nossos costumes de nossos antepassados.”

Segundo Martim a religiosidade pode ser um fator também de divisão, e a religião católica está diminuindo e dando espaço para outras religiões, devido a falta da presença maior do padre, que frequenta a comunidade apenas no período da romaria:

“a religiosidade eu vejo que está mais ou menos dividida, por que tem gente que é católico mesmo o qual tem aquela festa mês de Setembro, mais tem algumas igrejas evangélicas, sem discriminação as eu vejo que as pessoas estão procurando mais estar ouvido uma palavra de conforto espiritual, porque meu pai mesmo era católico mais só temos padre uma vez no ano, então eu vejo que está dividido a festa é de nossa Senhora do Livramento que é a padroeira da comunidade. (M.F.S. 40 anos, 2013)

Foi através de alguns cursos, palestra que eu e meus pais conheceu a palavra de Deus na igreja católica , e tem pessoas que não é Mem bem uma coisa ou outra quer ficar livre, mesmo que é católica é que tem que ficar livre porque a católica também tem que estar sempre em oração , por que nem uma igreja manda ninguém matar roubar, mais eu vejo que a igreja católica deixa o cara mais a vontade que a festa é um incentivo de

deixar a pessoas liberto . A mensagem que eu quero deixar é um versículo bíblico “ Amar a Deus sobre todas as coisa e o próximo como se próprio” por que o que agente não queremos pra nos não podemos desejar para o próximo, porque se nos seguir isso estamos sendo irmão mesmo. (M.F.S. 40 anos, 2013)

Um das estratégias de fortalecimento do processo de luta no território Kalunga, foi a criação das Associações constituída na forma de sociedade cível, sem fins lucrativos e sem finalidade econômica para representar e defender os direitos do povo kalunga no sitio histórico e patrimônio cultural em todas as estâncias.

Para fortalecer o processo de luta dentro do sitio histórico foi criado as associações Quilombo kalunga, constituída na forma de sociedade civil, sem fins lucrativos e sem finalidade econômica, foi criada em 10 de outubro de 1999. para comandar todas as diretrizes e invasões no sitio histórico, as mineradoras , madeireiras, caça, pescas religiões que não que esteja fora da nossa ancestralidade e mesmo qualquer outras degradação que vem prejudicar o nosso meio Ambiente em geral. (S.S.R, 2013)

Segundo seu sário um dos acontecimentos muito importante foi uma viagem que ele e outras lideranças fez em Goiânia, uma reunião com o Juiz da 5º (quinta) vara itinerante em 1997, que teve conhecimentos dos direitos que eles tinha daquelas terras que eles vivia que seus ancestrais viveu por isso eles tinha o direito de posse daquelas terras que estava ocupando.

Alguns fatos que aconteceu durante as nossas caminhadas, uns bom e outros não. Chegamos ficar em reunião durante o dia inteiro, e a noite ficar no deserto com o carro quebrado cheio de kalungueiro passando fome, Outra vez foi uma reunião com o Juiz da 5º (quinta) vara itinerante em 1997 em Goiânia, onde se tratava das terras e onde ficamos sabendo sobre os nossos direitos de ser quilombolas.

Onde se dava por saber que erra uma de nossos antepassados, por isso se dava o direito a nos buscar o nosso direito, porque os nossos antepassados viveu, ali onde dava todo o direito de nos ter a posse da terra a nosso favor, nessa época deu alguns conflitos com os fazendeiros que se dia os donos de todas as terras, e que

onde a maioria deles era grileiros e nem tinha um documento que provava o direito daquelas terras que dizia ser donos, dentro desses invasores de terras o Cartório de Cavalcante era um dos maior.

Outro marco importante foi a colaboração do dono da ideia de criar o Quilombo, o meu amigo Santino Dos Santos Rosa que foi o primeiro do município de Cavalcante a sair em busca de melhorias para o kalunga. Na primeira demarcação 46 casas da comunidade do Engenho II ficou de fora da área Kalunga e 44 no vão de Almas.

O senhor Florentino me disse que foi um dos criadores da associação AKC de Cavalcante, com o objetivo de buscar melhoria para comunidade Kalunga. Segundo os Kalunga que morra aqui na comunidade vieram da Bahia e de Minas e escondeu na serra da contenda e na beira do rio Paranã no município de Monte Alegre de Goiás por que era um dos lugares de difícil acesse e por ter bastante peixes e caças para eles sobreviver.

A luta do povo Quilombola, o que eu sei que os meus pais e os mais velhos contava , é que eles vieram da Bahia e esconderam dentro da serra da contenda na beira do rio Paranã no município de Monte Alegre de Goiás , por ser um lugar de difícil acesso e ter bastante peixes e caças para eles sobreviver e lá também tinha uma caverna que era como se fosse uma casa na volta de rio abaixo da ponte hoje.(F.X.S 67 anos)

Em relação às ervas medicinais e conhecimentos sobre doenças, ele disse que viu seu avó falar que tinha um velho kalunga que curava muitas pessoas era um senhor muito sábio que tinha o Don da cura.

Segundo informações que eu vi falar também pelo meu avó Manoel Xavier, é que tinha um velho Kalunga que morava na beira do rio Paranã , um senhor muito sábio e que conhecia muito das plantas curava muitas pessoas na região. (F.X.S 67 anos)

Sobre as dificuldades no Kalunga , era tão difícil que o meu avó buscava Sal e alimentos no Belém do Pará , assim dizia o meu avó, só depois que descobriu buscar em Barreira e Formosa, viagem longas de muitas dificuldades e sofrimentos , eu era pequeno mais lembro de uma vez que eles chegarão de uma dessas viagens.

Uma lembrança que se disse guardar na memória, foi por volta de 1952 quando em uma viagem dessas que era feita para buscar o tão precioso sal, foi também trazido uma areia branquinha que então não conhecia, que hoje é a açúcar que temos.

Nestes transportes que eles trouxe de viagem eles trouxe uma mercadoria de muita importância, uma areia branquinha e que me deram para comer eu não queria mais quando provei gostei muito, é o que chamamos hoje de açúcar por volta de 1951 a 1952. (F.X.S 67 anos)

As lutas sempre foram difíceis, por volta de uns 25 anos é que deu o começo da busca pelas terras, lembra ainda da primeira viagem que fez em Goiânia em 1975 com um grupo de pessoa no IDAGO para fazer o primeiro requerimento de posse de terra que eles morava, ou seja um documento que aquele pedaço de terra que eles estava morando era de propriedade deles.

A conquista do território por volta de uns 25 anos atrás, foi o começo da luta pelas terra, foi muito difícil e sofremos muito para chegar nos órgãos competentes, além das nossa fraquezas e falta de conhecimento de saber onde ir no lugar certo, tinha também os atravessadores para nos desmotivar. Até hoje eu lembro de uma passagem dessas, em 1975 eu e outro colegas fomos um dos primeiros a ir nesse órgãos em Goiânia, o IDAGO que ficava na avenida Paranaíba, para pedir requerimento de um pedaço de terra, um documento no papel dizendo que nos tinha direito naquelas terras onde nos morava, ou seja direito de posse. F.X.S 67 anos)

Com a chegada cada vez mais dos fazendeiros, não deixando as pessoas trabalhar impas, dizendo que toda aquelas terras era deles, e que aqueles moradores que vivia ali desde que nasceu, era posseiro que não tinha direito em nada. Com isso é que as pessoas preocupou com seu futuro de não ter para onde ir, então que saiu em busca dos seu diretos a pobreza era muita.

Lembra seu Florentino da primeira escola que teve na comunidade, que foi em 1964 é que começou uma escola no Vão Moleque por um garimpeiro que não era da comunidade um senhor chamado de Raimundinho Boca de fogo.

Os fazendeiros não deixava nos trabalhar em pais, não chegou ter morte mais muitas ameaças dos fazendeiros que se dizia dono de todas as terras, e que todos eram poceiro deles, as desigualdade era de mais, a pobreza também não tinha escola para os jovens estudar, meio de informação por nada, foi em 1964 é que começou uma escola no Vão do Moleque.

Me lembro que o primeiro professor que deu aula foi um senhor conhecido por Raimundinho boca de fogo ele não era da comunidade, era garimpeiro.(F.X.S 67 anos)

Segundo se F.X.S e outras pessoas entrevistada a saúde foi um grande problema na comunidade kalunga onde ele relatou que em 1978 uma senhora morreu engasgada com um caroço de coco macaúba porque não teve recurso para sair, a tia dele também morreu de mau de pasto alem das dificuldades de locomoção por falta de estradas aquele tempo chovia muito onde as pessoas ficava ilhado até 10 dias.

Muitas vezes como chovia muito os rios enchia e entrava nas roças de arroz maduro das pessoas a noite e quando amanhecia o dia só tinha os talos do arroz, os peixe tinha comido todo. Onde tinha muita crise de falta de comida e muitas famílias tinha que ir para o dendê e o leite de coco para não morrer de fome.

A saúde para nos kalungueiro sempre foi um grande problema, por não ter estrada ligando as comunidades à cidade, muitas pessoas morreram por falta de socorro. Em 78 uma senhora morreu engasgada com um caroço de coco macaúba porque não teve recurso para sair, minha tia também morreu de mal de pasto.

Nessa época chovia muito até 10 dias sem parar, os rios enchia muito que entrava nas roças das pessoas e quando saís só estava os talos do arroz os peixes tinha comido toda safra, onde também era um fator agravante para as crise das pessoas na comunidade, onde por muitas vezes o cocos painha era o salva vida pás pessoas, desde a Bagé até o dendê para alimentar, onde era feito farinha, beiju, óleo etc..(F.X.S 67 anos)

Sobre a mineração conta se que na época da escravidão já trabalhou até 9 mil homens nos garimpo de ouro no antigo povoado São Felix, hoje aterrado debaixo das montanhas escondido pelos passar dos tempos , que até

hoje levamos nas lembranças dos nossos antepassados que seu desentendes foi escravizados ali.

Sobre mineração conta a história que no município de Cavalcante já teve uma época que no tempo da escravidão já trabalhou 9 mil homens no São Felix, ou seja 9 mil escravos sendo escravizados.

Não podemos deixar de falar dos Índios que tivemos muita influência e mistura de etnias quando aqui chegamos, que muitas coisas nos aprendemos com eles, como por exemplo: o modo de nos fazer nossas roças que praticamos até hoje, e caçar e pescar são costumes esses que vão sendo passado de geração por geração.

Sabemos que por ter tido muitas ligação e entrosamentos com os índios nos herdamos muitas coisas deles, como por exemplo: o modo de nos fazer as nossas roças, as moradias, a caça e pesca. Mas pelo que eu vejo falar hoje, quanto as famílias nos negros parece temos mais amor maternal. (F.X.S 67 anos)

Sobre a demarcação foi feito um levantamento das terras do sitio histórico kalunga , onde foi toda medida e mapeadas. Foi também feito o levantamento dos fazendeiros que esta no território mais está muito lento esse processo de indenização, e que nos atrapalha muito. Eu acho que nos merece mais um pouco de atenção, porque disse que foi o negro também responsável para a construção do nosso Brasil, é que nos fizemos muito e muito pouco estamos sendo retribuído.

Na educação não podemos esquecer das professoras: Florinda, Joanilde, Joselina, Florentina dos Santos Rosa que foi umas quererá no desenvolvimento da educação na nossa comunidade as primeira a lecionar em uma sala de aula na comunidade do Vão do Moleque.

Não podemos esquecer que na educação tivemos umas professoras que contribuiu muito para que a educação na nossa comunidade ter melhorado um pouco na questão do ensino, que foi a professora; Florinda, Joanilde, Joselina, Florentina dos Santos Rosa foram muito importante para nos na comunidade na educação na nossa comunidade. (F.X.S 67 anos)

A criação de gado na comunidade disse seu Florentino que já foi bem mais segundo ele em 2008 o rebanho de aproximadamente 14.000 mil cabeça e em 2012 consta no cadastro da agro defesa um rebanho de 9.000 cabeça de animais.

Em relação a criação de gado , de 2008 para cá uma diminuída no rebanho dos criador da comunidade, em 2008 tinha um rebanho aproximado de 14.000,00 cabeça , para este ano de 2012 , segundo agro defesa conta com um rebanho de 9.000,00. (F.X.S 67 anos)

Disse Wanderleia dos Santo Rosa que de uns tempo pra cá já melhorou muito, com a chegada das estradas mesmo não sendo uma boa estrada por causa dos obstáculos como as serras e rios no caminho tem melhorado muito para comunidade desde a saúde ate a educação .

Uma comunidade de difícil acesso, mais que melhorou muito de uns tempo para cá. Com a chegada da estrada mesmo não sendo uma estrada em boas condições e com muitos obstáculos, já facilitou muito a nossa locomoção entre comunidade e cidade. (W.S.R 38 anos, 2013)

A educação melhorou muito, porque antes era muito raro encontrar professor (a) que tinha o ensino médio hoje muito deles já tem o ensino médio completo e com a LEdoC muitos estão cursando a graduação e outros já graduados, temo pedagogo filho da comunidade que está trabalhando na comunidade.

O curso de Licenciatura em Educação do Campo esta sendo muito importante para nos, porque nos capacitar para estar atuando em varias frentes do movimento da nossa comunidade.

Hoje com todas as dificuldades já temos escolas boa ou ruim, que não podemos deixar de dizer é que quases todos professores que está em sala de aula tem o ensino médio, que antes era muito difícil encontrar professor com o ensino médio completo .Temos também professor com curso superior , pedagogo e com o curso da LEDOc, vejo como muito importante paras as comunidade do campo. (W.S.R 38 2013)

Para Wanderleia a luta é árdua e difícil no território kalunga, o que a comunidade mais precisamos é da titulação das terras porque o que temos é

só o direito de posse que não dá garantia para a comunidade, condições de trabalho e capacitação para os professores e acesso a novos conhecimentos.

A luta do povo kalunga é uma luta árdua e com muitas dificuldades, um dos principais objetivos e desejos do povo Kalunga é a titulação das terras, porque nós só temos o direito de posse das terras. O que mais precisamos é de condições de trabalho, escolas e professores capacitados com melhores acessos aos novos conhecimentos, onde os nossos jovens não precisam de sair da comunidade tão novos. (W.S.R 38 2013)

A trajetória dos kalunga foi a fuga para a liberdade para o território que vive até hoje muitas vezes isolado sem ajuda dos governos, lugar esse isolado mas sagrado porque foi um lugar que nos escondeu das chibatadas dos patrões aqui nesses vales de serras e beira de rios.

Invista do que era antes já tivemos várias conquistas aqui na comunidade, que antes não tinha escola, hoje temos 8 de nível fundamental I e uma de nível fundamental II, uns 15 anos antes tinha que sair de casa muito cedo aos 14 anos a maioria das vezes quem tinha pra onde ir era hora de sair de casa, porque as escolas que tinha na comunidade só ensinava até a quarta série e mesmo assim tinha que caminhar de pé até mais de 5 km.

A trajetória e a conquista foi uma fuga para a liberdade ali dentro do território o povo que ali vive até hoje, com pouca ajuda do governo. O que eu vejo falar até é a história de uma região kalunga que os povos se locomoviam de uma região para outra fugindo da escravidão esse escondendo dentro de vales das serras.

As lutas são contínuas meus pais e meus avós sempre falavam das dificuldades das pessoas que saíam em busca de melhorias para a comunidade, o que vimos hoje é que conseguimos várias conquistas com por exemplo as escolas de nível fundamental, aqui nas comunidades, do Vão de Almas tem 8 escolas de nível fundamental I, e uma de fundamental II. Mesmo em situações com muitas dessas escolas ainda é feita de palha, os alunos ainda andam até 5 km para chegar à escola mesmo assim temos que agradecer, porque antes nem assim tinham, porque na minha época tive de sair aos 14 anos para ir fora por não ter escola na comunidade. (W.S.R 38 2013)

O que falta muito em nossa comunidade para vivermos melhores condições é Energia Elétrica porque em nosso município acho que só 5% tem energia, que é a comunidade kalunga Engenho II é a única do território kalunga

que tem energia no município de Cavalcante –GO. Muitas comunidades também não tem água para beber os rios com a falta de chuva esta secando tem famílias que anda até 6 km para pegar um tambor de água.

Muitas coisa faltam aqui em nossas comunidade , coisas essas que é necessária para um ser humano viver com dignidade no nosso município de Cavalcante só a comunidade kalunga do Engenho II tem Luz e água encanada,na minha observação representa menos de 5% do nosso município, todas as outra comunidade não tem água encanada e nem luz .
(W.S.R 38 2013)

As liderança, como o Sr. Manoel Moreira afirmam que passaram por momento muito difíceis: *“O processo de luta de nos kalunga tem sido muito árduo para nos conseguir algumas coisas já passamos por vários momentos ruim , e poucos mementos bom, os momentos ruim”*. Isso porque segundo o mesmo, houve muitas dificuldades para reconhecer o direito dos kalunga como donos por direito de ancestralidade dessas terras que ocupam .

É a luta nossa para ter o reconhecimento dos órgão federais e estaduais que esse território que vivemos é do povo kalunga por ter tido toda uma historia ancestrais de nossos antepassados que viveu aqui a mais de 350 anos, e que nos precisa dele para nossas famílias viver, tivemos que passar fome, dormir nas estradas com carro quebrado, dar muitas viagem no INCRA perdida sem resolver nada, ouvir de nossos próprio companheiros que nos não tinha o que fazer , só andando a toa.

No momento o que melhorou foi as estradas que mesmo não estando boa já tem servido muito, e as escolas das seres iniciais que tem agora na comunidade, mais precisamos muito de Luz e água tem muitas comunidade que nem tem água perto.

Em relação o processo de luta no território, no momento melhorou ate bastante antes era bem difícil, nem estrada nas comunidades não tinha agora já tem, escola temos também não ta boa não mais temos, falta energia em toda a área do território kalunga, acho que temos menos de 10% que no nosso município só o Engenho II tem energia, e melhoria nas estradas, potentes nos rios, bueiros etc.(P.D.C 41).

O que mudou muito também foi a aceitação das pessoas que antes não assumia como Quilombola hoje mudou muito, até quem não é quer ser, um dos motivos delas não querer os mais velhos tinha medo de voltar a escravidão e os jovens muitos deles era por causa dos preconceitos que eles sofria por se identificar como kalunga. Hoje com as lutas do dia-a-dia já conseguimos alguns benefícios como aposentadoria, salário maternidade e um cesta da CONAB. O que seria bom para ajudar as pessoas na agricultura era ter uma Máquina (Trator) para ajudar nos plantios das roças.

No início era complicado porque quando falava em kalunga ninguém queria aceitar, mas agora melhorou bastante porque até quem não é quer ser. Por que as pessoas tinha medo de voltar a escravidão esse era o medo de aceitar a ser kalunga, nem aposentar eles não queria tinha medo de ser descobertos e de ser pego para jogar para fera. Eu me sinto orgulhoso de ser hoje um kalunga.

Os benefícios que a comunidade tem acesso é a bolsa família, salário maternidade, a cesta da CONAB e as aposentadorias dos idosos.

O que precisa para nós aqui no território também é uma máquina para facilitar mais a os nossos esforços e ter uma produção melhor, a agricultura faz parte de nossa vida, nós não sabemos viver sem a roça.

(P.D.C 41 2013)

As casas tem muitas que são de palhas e embariadas, tem alguns pontos que falta água tem pessoas que andam mais de 3 mil metro para pegar água para o consumo, na Maiadinha mesmo falta água na escola para as crianças que estuda.

Um dos nossos sonhos aqui na comunidade é ter energia, água, estradas, pontes e ter o título das terras, porque agora mesmo estamos tendo problemas com um Fazendeiro que disse que os kalungas tem que mudar das terras dele, essa fazenda é uma das que mais tem problemas com a comunidade que é a fazenda Bonito no Corrente.

As terras esta complicado agora mesmos chegou um pessoal dizendo que as terras é deles que as pessoas que está dentro tem que sair que a área é delis que tem que desocupar .

A desapropriação das terras é um das principais reivindicações que nos estamos precisando aqui na nossa comunidade. (P.D.C 41 2013)

As religiões na comunidade kalunga é a católica mas no momento está um pouco largada nos tempos das festas que as pessoas tem os momentos de devoções , na comunidade o que prevalece é a católica, Evangélica tem mas é pouco aqui no território kalunga.

Sobre as religiões na comunidade no momento está um pouco largada por que é mais nos tempos das festas que as pessoas tem os momentos de devoções mais na comunidade o que prevalece é a católica, tem também a Evangélica é pouco aqui no território kalunga. (P.D.C 41 2013)

A juventude, os jovens estão indo embora, por que não tem escola de qualidade na comunidade, não tem serviço que gera renda sem ter que eles sair das suas casas na comunidade, eles tem que sair em busca de melhoria e está ficando só os mais velhos, a cultura assim vai acabando. Aqui nas comunidade kalunga eu vejo que nos precisamos de ajuda para melhorar nas questões do alcoolismo ,saúde e educação, que o poder publico trabalhasse mais encima dessas questões.

O que percebemos, a partir da memória, das entrevistas com as lideranças, é que o processo de lutas e conquistas no território Kalunga já avançou muito em relação ao que era no passado. Apesar do território estar há 340 quilometro da capital Federal Brasília e 650 Km de Goiânia, ainda falta muitas melhorias.

Assim, percebemos o quanto nós ainda somos desvalorizados nesse País que tem como predominância na sua formação, o povo negro que foi chicoteado, amarrado, marcado, massacrado na construção de belos monumentos histórico do nosso Brasil, neste sentido, podemos questionar se este país é nosso mesmo.

CAPITULO II

2. O Território Kalunga na Atualidade: Organizações e Projetos

Hoje dentro do território kalunga temos vários grupos organizados, temos as associações, que é uma forma organizada de nos representar perante os órgãos superiores; dentre eles nós temos:

2.2 Associação de educação do Campo do território Kalunga e Comunidades Rurais (EPOTECAMPO)

Foi fundada em 29 de julho de 2012, a Associação EPOTECAMPO ela é uma pessoa coletiva, sem fins lucrativos, com o CNPJ, N°:18.626.035/0001-04, legalmente constituída, com sede em Cavalcante-Goiás, sendo que todo o seu trabalho é voltado especificadamente para a educação do campo, ou seja, é uma luta por novas políticas públicas para o povo camponês que inicia pela educação.

Como resultado da preocupação de um grupo de pessoas preocupadas com a diferença que existe entre a educação das escolas rurais, a saúde, transportes, saneamento básico, habitação, dentre outros que são oferecidos pelo nosso governo para as comunidades kalunga e não kalunga dos municípios de Teresina, Cavalcante e Monte Alegre de Goiás, ou seja população camponesa em geral, entre elas quilombolas e comunidades rurais, povoados, assentamentos etc. Por muitos anos os sujeitos do campo caíram no esquecimento pelos nossos governantes, uma dessas consequências é o alto índice de analfabetismo das pessoas que nascem e vivem no e do campo.

Tudo começou quando surgiu na UNB, o curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC-UNB-FUP) Planaltina-DF. Essa ideia surgiu em 2010 quando no seminário de integração que aconteceu Tangara em Mato Grosso, vindo os relatos e experiência contada por um grupo de professores nas oficinas ministrada pela UNB, de um assentamento da região, e que nos seus relatos ajudou muito aquela escola experiência que mudou muito a qualidade da educação daqueles alunos.

Vivenciando toda essa experiência tive a Edeia, eu Vilmar Souza Costa da turma 2 (Andreia Pereira) de chamar meus colegas de turma 2, da turma 3 e 4; Wanderleia, Niusa, João Maia, Joelise, Aneli, Núria Renata, Lorrany, Sandra e outros colegas professores para nos criar um Comitê Gestor da educação do Campo.

Foi ai que tudo começou, fizemos reunião nos três município, mobilizando as autoridades municipais e professores das escolas do Campo e as lideranças dos quais estão na luta a bastante tempo nem todas pode aparecer, mais as que foi nos apoiaram, com a chegada das outras turmas da LEdoC o grupo foi crescendo, mais demandas foram surgindo ai que surgiu a ideia de transformar o Comitê gestor da educação do Campo, em associação de educação do campo do Território kalunga e comunidade rurais ((EPOTECAMPO) que foi fundada em 29 de julho de 2012, a Associação de educação do Campo do território Kalunga e Comunidades Rurais (EPOTECAMPO) conta também com o apoio de professores da LEdoC UNB Planaltina: Pasquetti, Vicente, João Batista, Mônica Molina, , Ana Izabel, Tamiel, Jair, Eliete Elis e o professor Rafael que sempre tem nos ajudado desde a criação quando tem tempo sempre presente nos apoiados nos nossos encontros, Já realizamos vários encontros, sendo que o primeiro foi na cidade de Cavalcante GO.

A EPOTECAMPO, vem sempre fazendo ações em busca de conscientizar e apoiar fortalecer as necessidades de acompanhamento das atividades dentro do sitio histórico, em relevância a Educação, Cultura, Ambiente. Na comunidade kalunga ,as reuniões acontece em alternância nos três município que abrange, Teresina Cavalcante e Monte Alegre de Goiás. Algumas ações feitas:

- a) Dia 11 de outubro 2011, reunião em Planaltina DF na UnB, para discutir sobre a criação da EPOTECAMPO. Dia 3 de março de 2012 na Câmara municipal na cidade de Monte Alegre de Goiás, aconteceu a terceira reunião para a formação do Comitê Gestor da Educação do Campo, com a presença de professores da FUP. Luis Antônio Pasquett, Ana Izabel , representante da associação Kalunga de Cavalcante-GO,

professores da UFG , vereadores de Monte Alegre, professores das escolas kalunga.

- b) 28 de julho de 2012 criação do estatuto da Associação da Educação do Campo no PETI em Cavalcante –GO com a presença do professor Rafael da UNB, autoridades e comunidade presente.
- c) Reunião na cidade de Cavalcante de Goiás 14 de outubro de 2013 para tratar das legalidades e prestação de conta da Associação.
- d) 19 de janeiro de 2013 encontro dos estudante da LEdC da EPOTECAMPO em Teresina de Goiás para leitura da LDB e discutir e debater as A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB)

Provado que o homem do campo é dono de sua própria história, possui identidade própria, dando continuidade a luta de nossos ancestrais, diante de todas essas indignações, de busca por uma nova educação de transformações e libertações para nossas comunidades, é ai que nasceu a Associação EPOTECAMPO. que tem como objetivo de minimizar essa desigualdade entre o sujeito do campo e os da cidade, bem como lutar por melhorias na educação, cultura e Meio Ambiente e demais questões das nossas comunidades rurais.

O que esta associação pretende: queremos buscar a colaboração e apoio de todos. “A sua colaboração! Apoie há esta luta!”. Porque juntos podemos diminuídos o êxodo rural, para que nossos filhos não sejam obrigados a crescerem longe de nós, em busca de educação e sobrevivência, pois é possível permanecer em nosso habitat, desde que nos seja oferecido oportunidade para viver com dignidade no campo, no lugar onde nascemos, tanto quanto existe na cidade.

Muitos de nossos familiares já foram expulsos do campo pelo progresso, globalização, pelo agronegócio, enfim, a Indústria Cultural invadiu por completo as nossas comunidades e as nossas casas. Não queremos que nossos filhos futuramente ajudem a crescer as periferias das grandes metrópoles. Acreditamos que o campo não é o pior lugar para se viver, e que o caipira não é aquele sujeito desfigurado como tentam demonstrar, é apenas uma pessoa como todas as outras que expressa sua simplicidade e gratidão apenas por

estar vivo e com saúde, seu único objetivo é viver a vida que Deus Le deu tranquilamente.

O Kalunga está vivo viva Zumbi, com a união e coragem nossos objetivos iremos conseguir
(Vilmar S. Costa)

2.2 Associação Quilombo Kalunga (AQK)



Esta associação AQK foi criada em 1999 com a missão de defender e representar o povo Kalunga. Somos uma organização comunitária formada por moradores do Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga, o maior território quilombo do Brasil, onde moram cerca de duas mil famílias, aproximadamente oito mil pessoas.

Conhecidos também como Associação Mãe, congregamos as comunidades Kalungas dos municípios de Cavalcante, Teresina de Goiás e Monte Alegre; e outras associações menores, como a Associação dos Guias Kalungas de Cavalcante, organizadas em mais de 20 comunidades e 42 localidades, que mantém viva a nossa cultura.

Esta associação é destinada a promover a defesa dos interesses de todos nós, os quilombolas Kalunga, e representar nossa comunidade em todas as instâncias legais e administrativas.

Os objetivos são:

- Promover a integração e o convívio social do nosso povo como forma de fortalecimento de nossa cultura;
- Promover, incentivar e fomentar o desenvolvimento econômico e social, por meio de núcleos comunitários ou de associações comunitárias, focando no trabalho agrícola, pecuária e agroextrativismo; na agroecologia e no manejo dos recursos naturais do Cerrado; no artesanato, nas danças e outras

- manifestações culturais, para a produção sustentável e comercialização de seus produtos;
- Participar do planejamento e da execução de programas governamentais que busquem o desenvolvimento socioeconômico de nossas comunidades;
- Promover o desenvolvimento de atividades para a conservação e preservação do meio ambiente, ao uso sustentável dos recursos naturais e a promoção de empreendimentos ecologicamente corretos;
- Fiscalizar, apoiar a execução e garantir construções e benfeitorias comunitárias;
- Contribuir para a promoção, normatização, organização, fiscalização e realização do comércio de mercadorias, produtos culturais, bens e serviços resultantes do nosso trabalho; e
- Realizar a gestão de recursos, para o desenvolvimento dos empreendimentos associativos dos Kalungas, bem como financiamentos, para nossos objetivos sociais.
-

2.3 Associação Comunitária Kalunga Engenho II

A associação comunitária kalunga Engenho II foi fundada em 16/02/2009 com o objetivo de estar atuando só mesmo nas questões locais da comunidade kalunga Engenho II. Resolvendo as questões internas da comunidade. Onde tem o papel de estar reunindo as famílias para estar tratando de assuntos locais, como por exemplo informar a comunidade se tiver algo de interesse das famílias, fazer reunião para manter informada do que está acontecendo, e que desrespeita a comunidade.

É uma associação local que atende o interesse específico da comunidade kalunga Engenho II, ela hoje atende um publica de mas ou menos 500 pessoas, cerca de 120 família. A diretoria da associação que é composta de um presidente e vice presidente, 1º secretário e 2º secretário, 1º tesoureiro e 2º tesoureiro e o conselho fiscal composto de 3 conselheiros titular e 3 suplente, são essas pessoas que é encarregada de fazer a mobilização na comunidade.

2.4 Associação Kalunga Cavalcante-GO

A AKC- Associação Kalunga de Cavalcante é uma organização não Governamental sem fins lucrativos, é foi criada num cenário importante para a cultura e a vida na natureza do cerrado brasileiro. Instalada no município de

Cavalcante (chapada dos Veadeiros) a AKC, desde a sua formação tem trabalhado junto á melhoria continua das formas de ganho,através do uso sustentável dos recursos naturais e culturais.

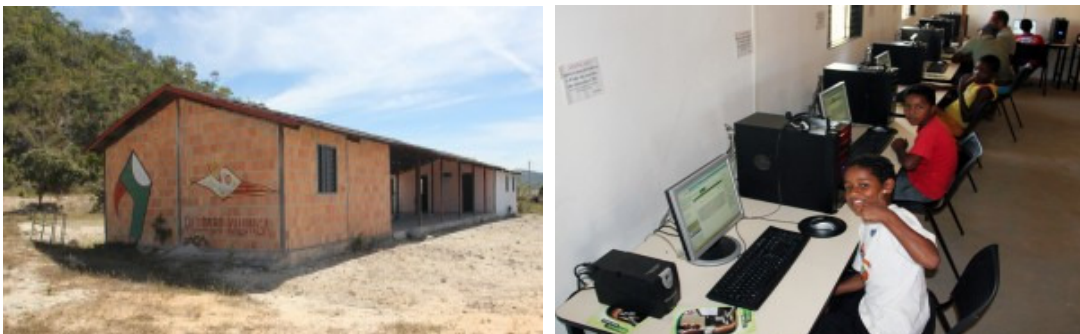
Seu objetivo é representar a comunidade junto com a associação mãe AQK dentro e fora da comunidade, tem também o objetivo de promover a defesa dos interesses de toda as famílias que morra no quilombo Kalunga, em Cavalcante Goiás e representar nossa comunidade em todas as instâncias legais, fazer reunião e manter informada as pessoas nas comunidade que ela abrange.

2.5 As Novas tecnologias na Comunidade Kalunga: A Casa Digital

A Casa Digital Kalunga Engenho II foi implantada pelo Programa de Inclusão Digital do Ministério do Desenvolvimento Agrário com parceria com a UNB- FUP juntamente com os estudantes da LEdoC turma 2 Andreia Pereira: por Vilmar Souza Costa, Núria Renata Alves do Nascimento e Ludmilla Aguiar.

Foi em 2009 que assim que tivemos a noticia que a comunidade tinha sido beneficiada com o programa do MDA que foi a casa Digital, nos fizemos uma reunião onde decidimos de comum acordo que a comunidade ia construir o espaço para receber os equipamentos, através de mutirão a comunidade doou o material e a mão de obra.

Onde recebemos dez computadores, um servidor, conexão de internet via antena GESAC e uma impressora multifuncional para atender cerca de 130 jovens e adultos da comunidade Kalunga, com a realização de cursos de informática, das 7h ás 9h e das 13h ás 15h, e acesso livre a internet nos demais períodos.



A Casa Digital é muito importante para nós, porque por meio da Casa Digital podemos conhecer outras culturas e o mundo, e ao mesmo tempo preservar nossa própria cultura. Acho que a inclusão digital veio para romper com a exclusão social que algumas populações e pessoas sofrem. Os computadores na comunidade proporcionaram também a comunicação com outras comunidades Quilombola e não Quilombola. Dentro da Casa Digital, queremos também fazer a Biblioteca Kalunga para arquivar a história do nosso povo, para as gerações futuras. Eu Vilmar Souza Costa, gestor da Casa Digital, vejo que além de proporcionar conhecimento, a Casa Digital Kalunga também facilita a inserção da comunidade nos programas de agricultura familiar do Governo Federal.

2.6 Grupo de Arte Kalunga – MATEC

O grupo é composto de crianças e jovens, a maioria descendentes de quilombolas. Utilizando o teatro como conscientização do respeito ao meio ambiente; a valorização da cultura local e da educação do e no campo; mostrando a relevância de ser sujeito do campo e ao mesmo tempo ser protagonista de sua história.

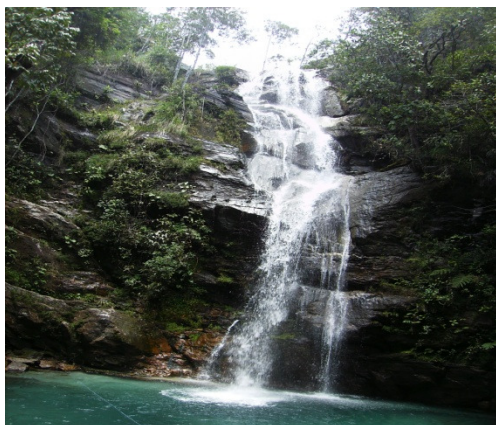
Ações do Grupo Arte Kalunga MATEC:

- a) Vão de Almas (agosto de 2010) e Vão do Moleque (setembro de 2010)
- b) Conscientização sobre os impactos do lixo ao meio ambiente e a saúde.
- c) Peça: “Vida de escravo : a luta de nossos antepassados em busca de liberdade
- d) Retrata a história da formação de um Quilombo

- e) 20 de novembro de 2011 em Cavalcante Goiás (Feira Coberta);
- f) 24 de março de 2012 em Cavalcante Goiás (Sábado Cultural);
- g) 22 de junho de 2013 no Assentamento Virgilândia;
- h) 13 a 16 de agosto de 2013 participação na Mostra Terra em Cena na Tela;
- i) Interação entre o Grupo Arte Kalunga MATEC e a Banda Ilê Aiyê (Engenho II);
- j) Janeiro de 2014. Início da construção do Espaço Cultural Arte Kalunga MATEC (apoio Projeto Terra em Cena) ;
- k) Com a intenção de reforçar e fortalecer o protagonismo e autonomia do grupo em prol de sua história diante de um convívio social.

2.7 Turismo na Comunidade Kalunga

Cavalcante é uma das cidades históricas de Goiás. Com uma população de aproximadamente 10.000 habitantes, surgiu em 1740, como vila, fundada por Diogo Teles Cavalcante, numa região cercada por morros e serras, conhecida pela grande quantidade de ouro, explorado durante muitos anos. Em 1831, tornou-se distrito. Cavalcante hoje possui mais de 120 cachoeiras catalogadas, lindos mirante, cavernas e um potencial muito grande para o turismo de aventura, muitas dessas beleza naturais estão intacta não vista ainda por pessoas que vem de fora, ou seja não esta disponíveis ao turista.



A maioria dessas riquezas naturais esta dentro do território kalunga, riqueza em água pode ser apreciada ao visitar os principais atrativos do município, como a cachoeira Santa Bárbara, Prata e Capivara, de faço aceso e bem perto da cidade de Cavalcante 26 á 64 km de distancia, umas das mais visitada da região, esta localizada na comunidade kalunga Engenho II e Vão do Moleque, sentido Minaçú e Vão do Moleque estrada de terra.

A comunidade Kalunga tem um potencial muito grande, em relação a todos estes projetos e programas acima apresentado. Pelo tamanho do seu território, pelas belezas naturais já citadas, pela importância da nossa cultura. Além da quantidade de pessoas envolvidas neste território: atualmente vive hoje na comunidade em Vão de Almas, vivem 215 famílias, cerca de 1.075 pessoas, No Vão do Moleque: 390 famílias, 1.950 pessoas, no Engenho II : 125 famílias, 625 pessoas. Totalizando 3.650 pessoas no município de Cavalcante –GO . Observa-se que este número de pessoas é só na zona rural, fonte de pesquisa Agente Comunitário de Saúde. Já na cidade a estimativa é que tem cerca de 2.000 pessoas, o que totalizaria 5.650 mil pessoas que são kalunga no município de Cavalcante, estima-se que no Quilombo tenha cerca de 9 a 11 mil pessoas.

2.8 Potencialidades e problemas

Hoje é o turismo na comunidade kalunga tem um potencial muito grade, porque temos muitas e lindas cachoeiras, cavernas, mirantes, turismo de

aventura e os manifestos culturais da comunidade, tudo isso eu vejo como uma forma que pode ser explorada como turismo.

Mas o turismo também pode ser um problema para nossa comunidade uma vez que ele traz dinheiro e desenvolvimento vem junto vários problemas: lixo, as drogas em geral, a prostituição e o principal de tudo que é a nossa cultura. A comunidade precisamos de apoio para melhor estar recebendo o turismo nas comunidades kalunga, hoje a comunidade que mais está preparada para receber o turista é o Engenho II, porque já tem toda uma organização de estabelecimentos prontos, (restaurantes, meio de comunicação, hospedagens, vários condutor de visitante capacitados entre outros).

Todos estes projetos em desenvolvimento devem levar em consideração que estamos dentro de um bioma. O Cerrado, por ser uns dos maiores biomas do Brasil vem sofrendo cada vês mais grandes degradações. Um dos maiores vilões é a monocultura e também a extensiva criação de gado nas áreas do Cerrado. Com tão pouca área preservada e respeitada pela sociedade, ainda existem pessoas que cruelmente colocam fogo no Cerrado sem preocupar com as conseqüências que trás para toda sociedade, com isso a destruição aumenta cada vez mais.

As queimadas hoje é um grande problemas no mundo todo, elas são um dos grandes fatores do aquecimento global no período de estiagem (abril à outubro) de clima seco, a região nordeste goiana vem sofrendo brutalmente com as constantes queimadas. Assim podemos caracterizá-las como um dos fatores que está destruindo nossa biodiversidade.

O uso do fogo na preparação do solo para agricultura e pecuária é um dos fatores predominantes que provocam as queimadas descontroladas, atingindo as áreas de preservação ambiental. Embora não podemos descartar outras formas de incêndios, que acontecem nas margens das estradas podendo se alastrar nas propriedades agropecuárias e reservas, como também notório são os incêndios criminosos provocado por pessoas que não penca nas vidas que depende da natureza pra sobreviver.

Na comunidade, kalunga no município de Cavalcante –GO, um dos fatores mais comum de incêndios são as queimadas provocada por abertura de pastagens para criação de gado, queimadas de roças e outros mais, e que todos essas pratica é um grande problema para toda comunidade.

Proposições sugerimos que os poderes públicos juntamente com as comunidades envolvidas realizem agendas de planejamentos anuais antecipados determinando responsabilidades de ambas as partes. Ações de promoção e conscientização: cursos, palestras, seminários, campanhas educativas que leve a todos a ter conhecimento das ações que o homem provoca na natureza.

2.9 As Moradias

As casas na comunidade kalunga antigamente era toda de palha, pau a pique e borro, tudo retirado da natureza ao seu redor as moradias era muito frágil, não tinha essas novas ferramentas que temos hoje, era toda amarrada de embira, corda retirada da própria madeira que não aguentava muito tempo. E por essas casas ser feitas desse matérias era muito expostos a vários tipos de insetos, que era muito prejudicial a saúde da pessoas da comunidade onde tinha muitas mortes de pessoas com problema s de chagas e malaria.

Hoje na comunidade a realidade é bem melhor, mais da metade das famílias já tem uma casa em melhores condições para se morar, algumas famílias tem casa de telha mesmo tendo que carregar as vez no lombo do muar (burro), uma distância longe mais vale a pena ter todo esse esforço porque tem mais conforto e é menos sujeito aos insetos, como o barbeiro que um transmissor da doença de chagas.

Mas ainda tem muitas pessoas que vive em má condições quando se falamos em moradias, porque tem muitas famílias de ate 10 pessoas que vive em uma casa de no máximo 2 cômodo e fechada de pau a pique.



casa de adobe e palha



casa de madeira e palha

2.10 Festas Culturais

As manifestações culturais Kalunga são representadas pelas rezas, folias e festas, é nossa tradição, que são transmitidos de geração por geração pelos nossos ancestrais, por meio da oralidade que mantém até hoje nas nossas comunidades, onde essas festas que acontece são devoção aos santos que representa a fé e a cura dos enfermos em cada localidade devoção que e predominante no território kalunga, e a religião predominante é a católica. A Folia é uma cultura tradicional na comunidade kalunga na qual um grupo de homens visitam as casas tocando cânticos e curradeiras, com musicas alegres,

com direito a café da manhã, almoço, lanche e jantar oferecida pelos moradores que recebem os foliões. São varias folias que se destacam nas Comunidade:



Fotos Vilmar S. Costa



Figura 1folia do Divino

dança da Sussa

Folia de santos Reis (01 á 06 de janeiro), folia de Santo Antonio (04 á 13 de Junho) , folia de Nossa Senhora das Neves (01 a 05 de setembro), folia de nossa senhora Aparecida (11 a 16 de setembro) de São Sebastião de (11 a 22 de julho do Divino Espírito Santo Durante esses dias de giro, os moradores faz uma doação que chamamos de esmolos, que uma forma de agradecer pelos milagres na suas vidas, a saúde, as farturas nas colheitas obtidos durante o ano. E também são dadas para poder ajudar no próximo ano, com esse dinheiro é comprado os instrumentos, vasilhas e alimentos, o

que faltar para poder acontecer a folia no próximo ano. os santos que são festejado em nossa comunidade são vários , entre eles estão : Santos Reis, Santo Antônio, Nossa Senhora das Neves São Sebastião, Nossa Senhora da Abadia, Santo Simão, Nossa Senhora das Candeia, Divino Espírito Santo, São Pedro, São Lazaro, Santa Luzia Santo Andre e outros mais. onde as folias iniciaram-se por meio de promessas feitas aos santos mencionados, não sabemos precisamente a origem e início desses manifestos cultural. Mais os mais velhos afirmam desconhecer o início desses ritual, uma vez que participam da manifestação religiosa desde crianças nem todas essas festas que mencionei anterior acontece a folia, as vez é só uma noite de festa onde acontece a reza, o batuque ou a sussa e depois o forró que não pode faltar.

Esses eventos constituem-se, para os moradores da comunidade, em práticas religiosas, de fé e devoção e representa o catolicismo. Os símbolos nessas folias são elementos peculiares, como a bandeira contendo a imagem dos santos, o arco colocado na entrada da casa em que acontecerá o encerramento do evento e o biscoito que é servido ao término das ladainhas. Esses símbolos significam o santo presente na festa, ornamentação e a menção a fartura concedida pelos santos de devoção, respectivamente.

Além dos símbolos - que concebem riqueza de detalhes e de valores empregados pelas pessoas da comunidade as divindades religiosas, os rituais são elementos que representam o hábito da religiosidade e devoção de nos Kalunga durante esses eventos, o ato de beijar a bandeira, os “giros” da folia onde um grupo de foliões leva a bandeira em todas as casas da comunidade. As orações e a dança da curraleiras, sussa, o batuco e canto das rodas, são exemplos dos rituais que fazem parte das crenças e alegria das pessoas das nossa comunidade Kalunga.

A crença está ligada ao campo de ideias, visão de mundo, valores de determinado grupo social e a consciência dos indivíduos (MAIA, 2000). Os ritos são as ações e que são explicados pela crença.

2.11 As Religiões

A religião predominante na comunidade kalunga até o momento é a Católica, onde a maioria das pessoas gosta de festas e tem como devoção santo Reis, santo Antonio, Nossa Senhora da Abadia , Santa Luzia .. onde dança muito a dança da sussa, o batuque, as catiras e que não pode faltar o forrozão até o dia amanhecer .

Nos últimos anos a relegião Evangélica vem crescendo muito, com a presença de pastores morando na comunidade cada vez mais as pessoas vão para Igreja evangélica principalmente nas época que não tem festa, disse algumas pessoas que a falta de padre na comunidade é que faz com que as pessoas busca uma palavra de conforto e mesmo uma motivação na Igreja evangélica.

Porém a religiosidade se afirma na cultura de seus ancestrais, como é o caso da entrevista com Dona Getulha (esposa do seu Sirilo), que explica a razão que os escravos foram libertados. Segundo ela:

... foi porque a princesa ou a Rainha estava grávida, e estava com muito medo de ter o parto, ai ela fez uma promessa se tivesse a criança sem sentir dor ela ia soltava os negros. Promessa feita para nossa Senhora mãe de Jesus , contava meu pai (virgem Santista) muitas alegrias foi onde a dança da sussa começava, no momento da comemoração da alegria, e quando a princesa Izabel libertou muitos deles ficarão com os seus fazendeiros, porque não tinha para onde ir ou porque era bem tratado. (Getulha, 2013)

2.12 A Juventude:

A juventude da comunidade kalunga com as dificuldades (escolas, empregos , lazer) que os jovens encontram na comunidade faz com que eles desestimulam para a continuidade da vida no campo, pois existe uma ansiedade em busca da sua independência financeira , onde os jovens tem sonhos de ter bens materiais que na comunidade ele não vai ter essa oportunidade de ter, por não tem Mem uma política voltada para os jovens que mora no campo, onde eles possa estar tendo o acesso a esses bens materiais na sua própria comunidade junto com os seus familiares.

Muitas das vezes os jovens sem de casa muito cedo, a partir dos seus 15 anos de idade sem ter nenhuma malícia do mundo La fora, onde eles fica sujeitos a caminhos errado nas suas vidas como por exemplo; o alcoolismo e até as drogas, tem muitos que tem sucesso nas suas saídas, tem derrubado várias barreiras nas suas caminhadas e crescer como homens que serve de exemplo para ser seguido por outros jovens que sai de casa bem cedo em busca de melhor condições de vida para você e suas famílias.

Não podemos esquecer que um dos principais fatores que levam esses jovens sair de casa é a falta de unidades escolares que oferece todos os níveis escolares.... na comunidade. Onde temos uma comunidade que tem varias localidade distante uma das outras, com um numero de pessoas grandes quando pensamos nas distancias e as dificuldades ao acesso que temos a cidade e mesmo de uma comunidade para outra.

Hoje no território kalunga no municio de Cavalcante Goiás, só temos uma escola que tem o ensino médio que é a escola municipal Joselina Francisco Maia que fica a cerca de 26 quilometro da cidade de Cavalcante na comunidade Kalunga Engenho II. Onde os jovens de outras comunidades que termina os estudos das séries iniciais das outras comunidades prefere ir para cidade porque muitos deles tem algum parente que tem uma casa na cidade onde ele pede ficar, diferente da comunidade e também eles tem acesos há outros meios de comunicações e matérias para melhor estar informados no dia a dia. Acontece também que tem casas que mora até 10 jovens de uma comunidade que não tem onde morar, e acaba ficando tudo na casa de parente dividindo todos os gastos que tem, os pais mandam o arroz, farinha e as vez algumas frutas para eles mas a mistura são eles que serviram para manter.

Segundo Genesi dos Anjos Sousa uma jovem de 20 (vinte) anos da comunidade do Prata Vão do Moleque, que a vontade dela era permanecer na comunidade, mas que não tinha como ficar ali porque não tem nada é preciso que os governantes olhe mas para as pessoas que vive no campo, estamos precisando de quase tudo aqui nos não temos uma escola de ensino médio e nem fundamental numa comunidade que tem mais 200 alunos.

CAPITULO III

3. A história de vida do autor e a Educação do Campo

Meus pais são quilombolas nasceram e viveu e vivem ate hoje no Campo na comunidade hoje reconhecida desde 1991 como cito historio e patrimônio cultural , no município de Cavalcante Goiás . o meu pai chamava João Souza Costa, faleceu em 1999 com apenas 42 anos de idade, minha mãe chama Gestrudes Dias Santana tem 49 anos , tem 9 filhos vivo e 11 netos sempre morou no campo.



Figura: Lucinha Vilmar e Dara Rosa

Vilmar Souza Costa 33 anos, filho de João Souza Costa e Gestrudes Dias Santana, sou casado a 5 anos com Luceni tenho uma filha que é a Dara Rosa, nasci e cresci no campo, apesar de ter passado algumas dificuldade na infância ,em relação a vida do Campo posso dizer que tive uma infância boa, brinquei muito de carro que nos mesmo fabricava feito de latinha de sardinha,

Imburruçu e muitos outros, pra quem não conhece Imburruçu é uma madeira mole que não tem cerno. Naquele tempo que não faz muito tempo nos não tinha esses brinquedos que os nossos filhos tem hoje, tudo era feito do que a natureza nos oferecia, nos brincava de tudo que a nossa imaginação e curiosidade nos possibilitava a criar nas nossas imaginações e nos eram felizes também .

Estudei no campo até meus 15 anos muitas das vezes tinha que levantar as 04:00 horas da manhã eu e meus irmãos, porque a escola era longe e só chegava em casa as 16:00 ou mais da tarde só com o lanche da escola quando tinha ou quando nos levava de casa algumas farofa de peixe, feijão de ovo era o que nos tinha.

A maioria das vezes, as escolas do campo em que eu estudei era improvisada na casa dos professores, e quando tinha era feita pelos nossos pais bem simplesinha, os acentos era de madeira roliça, o lanche quase sempre não tinha, quando tinha era bolacha e suco ou quando nos levava de nossas casas.

A escola da cidade era boa tinha quase tudo mais pra mim foi muito difícil estar acompanhando os meus colegas nos estudos porque as nossas escolas da zonas rurais deixava á desejar na qualidade do ensino porque os nossos professores acontecia que eles não tinha nem o ensino fundamental completo , vi muitos de mês colegas ter que voltar da 4ª serie para 3ª e as vez 2ª serie porque não dava conta de acompanhar os outros colegas, foras as piadinhas que tinha por não saber nada onde muitos também desistiram.

As matérias que eu mais gostava eram; Matemática, História, e Geografia a que eu tinha mais dificuldades era Português, pra mim ser um bom professor era aquele que não pegava no pé, não passava muito dever para fazer em casa que deixa a vontade, onde essa liberdade de estar a vontade fez muita falta aqui não só aqui na LEdoC mas em muitas coisa na minha vida.

Eu não gostava muito de ler livros que fosse grosso, preferia os que tinham poucas páginas,ou seja que tinha poucos conteúdos. Hoje eu vejo que

faz muita falta para mim, mas estou correndo atrás do tempo perdido sei que nunca é tarde para correr atrás e conseguir os nossos objetivos.

Sempre me assumi como um sujeito do Campo, tenho toda minha vida ligada com o campo, não me vejo longe desse ambiente, me sinto um pouco de cada coisa que tem ali, o que me faz permanecer e defender esse maravilhoso lugar é o gosto e alegria de viver nesse ambiente, que só me traz tranquilidade e a felicidade de estar sempre em convívio com todas as pessoas simples do Campo com eu e os bichinhos que ali vivem.

Na organização social da minha comunidade a qual eu faço parte eu sou mais um integrante do qual luto junto com meus companheiros eu busca o melhor para nossa comunidade. O que me trouxe a Licenciatura em Educação do Campo foi devido a informação dada por uma colega que conheci guiando ela em uma pesquisa que estava fazendo na comunidade Kalunga Engenho II, Daniella Ungarrelli estudante de mestrado na UNB. Foi quem me informou da existência do curso da Licenciatura em Educação do Campo, e o apoio da minha comunidade, principalmente da minha esposa Luceni dos Santo Rosa e minha princesinha Dara Rosa Souza Costa Santos.

Os saberes que eu acho que deve estar presente nas escolas do campo, são os saberes culturais produzidos pelos povos que vive ali nas comunidades, e os conhecimentos adquiridos pelos livros didático, radio etc..

3.1 A Educação do campo em minha vida

Sempre vivi no campo, estudei até meus 15 anos de idade, em mais de 3 escolas diferente, diferente no sentido de localidade, porque em relação as condições escolares que nos viviam na comunidade era tudo igual mesmo. Hoje eu percebo o quanto o poder público nos tratava como um ser sem nenhuma importância, onde os animais dos fazendeiros era bem mais bem tratado que qualquer uma criança daquelas escolas.

Mesmo com todas aquelas situação que nos eram colocadas, ninguém tinha coragem, ousadia ou seja o conhecimento de que nos tenha direito de ter

uma escola no campo onde deveria ser respeitado a diversidade culturais, ambientais, sociais e outras mais daquelas pessoas que ali vivia.

Situações essas que era comum sair de casa as 16:00 horas da manhã e só retornar no fim da tarde só com um lanhinho que levava de casa quando tinha, porque na escola não tinha, e ninguém reclamava era bem normal.

A LEdoC esta sendo pra mim e com certeza para demais colegas essa luz em nosso caminho que já está trazendo fruto pra nos e pra nossa comunidade, onde hoje eu saí daqui com uma outra visão e perspectiva de que muito tenho para contribuir com o meu povo que muitas das vez não tiveram a oportunidade de ter o conhecimento dos seus direitos.

Como um sujeito que sempre viveu no campo com essa formação que tivemos durante esses mais de 4 anos aqui na LEdoC, com certeza quero dar continuidade nos meus estudos buscando novos conhecimentos e compartilhando com os demais que por uma outra razão não pode estar presente, sinto me na obrigação de ser umas dessas pessoas capaz de fazer a diferença na escola do campo. Desde a pratica pedagógica na escola, sempre preservando e fortalecendo cada vez mais de nossa cultura e do Meio Ambiente de nossa comunidade, sei que tenho muito para aprender , mais aprendi onde tenho que ir, e como ir.

3.2 A Educação do Campo

O surgimento se deu através de lutas pelo direito à educação, tendo como protagonistas os movimentos sociais em áreas de reforma agrária, comunidades tradicional, povos da floresta, indígenas e quilombolas.

O marco teórico tem como ponto inicial o I Encontro Nacional de Educadores e Educadoras da Reforma Agrária (I ENERA 1997). Em 1998 na I Conferencia Nacional Por uma Educação Básica do Campo em Luziânia GO, reafirmando as suas lutas e identidades nas suas diferentes ações.

Assim "educação do campo se configura como demanda relativa à garantia do direito a educação para os trabalhadores rurais: inicialmente, com a luta dos sem terras , para garantir o direito a educação nas áreas de reforma agrária". (Caldart 2011)

Com o surgimento dessa nova pauta social foram as unificação das lutas realizadas pelos próprios trabalhadores e suas organizações, que reivindicam por políticas públicas da educação do campo, que de fato garantissem os direitos das populações do campo. Uma educação que fosse reconhecida e legitimada pelo sistema público.

Munarim apresenta em mesa especial sobre educação do Campo " percebe duas condições indispensáveis para a produção de uma política publica ... da Educação do Campo. ...a mobilização social,...mobilização de recursos do aparelho do governo e do estado". ele ainda ressalta que as "Diretrizes Operacionais" significam aos movimentos sociais do campo "um ponto de chegada" pelo direito a educação, ao mesmo tempo significa ao estado um "ponto de partida de ação do estado" à garantir educação de qualidade aos povos do campo.

Percebe-se que sem luta árdua não se chegara as conquistas almeçadas, e tão pouco o governo fará grande empenho para mudar a realidade, mesmo que este governo se diga de passagem foi eleito pelos trabalhadores.

3.3 A Licenciatura em Educação do Campo

A Licenciatura em Educação do Campo, é um curso regular da Universidade de Brasília (UnB) que já é dado por varias Universidade do Brasil e e realizado no sistema de alternância, subdividindo-se em Tempo Escola e Tempo Comunidade. Onde tem como objetivo formar professores e educadores para as escolas do campo. A matriz curricular desenvolve uma estratégia multidisciplinar de trabalho docente, e são organizando os componentes curriculares em duas áreas do conhecimento (habilitações): (1) Ciências da Natureza e Matemática e (2) Linguagens. Todo ano são oferecidas 60 vagas, para alunos que residam no campo, e pertençam ao Estado de Goiás, ou DF Entorno. A carga horária total é de 3525 horas/aula e 235 créditos, integralizadas em oito etapas (semestres). O curso tem um público-alvo bem específico: moradores ou trabalhadores da área rural que queiram trabalhar como educadores nas séries finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio. O interessado precisa gostar de atividades

pedagógicas e de projetos comunitários, que tenha realmente interesse de desenvolver projetos para melhorar a sua comunidade na melhoria da qualidade da educação, na preservação cultura tradicional a que pertence suas origens.

Por isso um dos objetivos da proposta pedagógica é manter os alunos no meio em que vivem, mesmo durante a graduação. Por isso, o curso é dado em alternância, no chamado Tempo-Escola, onde o tempo aulas pode ser de 45 até 55 dias, com preparação do material que será utilizado na comunidade. Depois, no Tempo-Comunidade, os alunos partilham o saber com a comunidade de origem, e aplicam os conhecimentos adquiridos na UnB. Além da alternância, os estudantes também precisam fazer a prática pedagógica e o estágio curricular em ambientes formais de ensino, que pode ser na comunidade ou em outra escola que tem o ensino fundamental de 6º a 9º ano, e o ensino médio para eles realizar o estágio.

IV. Considerações Finais

Este trabalho implicou na realização de registrar os acontecimentos da comunidade kalunga para não perder a nossa ancestralidade dos nossos antepassados que desde mais de 350 anos vivem nesse território. Registraram-se as lutas realizadas, a partir da memória das lideranças entrevistadas. O que percebemos, a partir destas memórias, é que o processo de lutas foi longo e com muitos sacrifícios, mas hoje já avançou muito em relação ao que era no passado. Ainda assim, apesar do território estar há 340 quilometro da capital Federal Brasília e 650 Km de Goiânia, ainda falta muitas melhorias.

Com a organização interna das comunidades, vários projetos foram implantados, envolvendo a área do turismo, as festas religiosas, a cultura kalunga, porém todos apresentam pontos positivos e negativos, os desafios continuam.

Esta pesquisa demonstra como ainda somos desvalorizados nesse País que tem como predominância na sua formação, o povo negro que foi chicoteado, amarrado, marcado, massacrado na construção de belos monumentos histórico do nosso Brasil, neste sentido, podemos questionar se este país é nosso mesmo.

Como um sujeito, que sempre viveu no campo, com a oportunidade de poder fazer a graduação, com essa formação que tivemos durante esses mais de 4 anos na LEdoC, com certeza quero dar continuidade nos meus estudos buscando novos conhecimentos e compartilhando com os demais que por uma outra razão não pode estar presente, sinto me na obrigação de ser umas dessas pessoas capaz de fazer a diferença na escola do campo e com isso preservar e fortalecer cada vez mais a nossa cultura e a nossa comunidade, sei que tenho muito para aprender, mais aprendi onde tenho que ir, e como ir.

Hoje no território kalunga uma das principais ameaças externas são: os projetos que vem de fora para beneficiar só mesmo quem está executando, sem antes ter ouvido a comunidade, onde mas da metade do que se disse objetivo dos projetos tem relevância com a características da realidade da comunidade. As entrada das drogas, os garimpos e os fazendeiros e o domínio da industria cultural, são uma das ameaças externas no território kalunga.

Quanto às ameaças internas percebo que tem aumentado muito, com influência das pessoas de fora, como a perda da cultura, disputas políticas, disputas por terras, disputas por poderes entre pessoas da comunidade, esses são alguns dos fatores de acontecer desunião entre nos kalungueiro.

Referências Bibliográficas:

AGEPEL. Disponível em: http://www.agepel.goias.gov.br/municipios_goianos/historiadegoias.htm, acesso em 12 dezembro de 2013.

ALMEIDA, A. W. B. de. 1996. *Semantologia face a novas identidades*. In: Projeto Vida de Negro. Frechal, terra de preto, quilombo reconhecido como reserva extrativista. São Luiz: SMDDH/CCN-MA.

ARROYO, M. & FERNANDES, B. M. *A educação básica e o movimento social do campo* BELTRAME, S.A.B. *MST, professores e professoras: sujeitos em movimento*.

BAIOCCHI, Mari de Nasaré. *Kalunga Povo da Terra*. Brasília, – Ministério da Justiça/UNESCO/ 1982

CET/ UnB; 27. 03. 2012 : Conservação do território de Cavalcante é riqueza para o turismo brasileiro.

CARNEIRO, Maria J. Carneiro e Elisa Guaraná et al (Orgs) *Juventude Rural em perspectiva*.

MEC. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei n. nº 9394/96, MEC,1996.

_____. *Uma história do povo kalunga/ Secretaria de Educação Fundamental-MEC; SEF, 2001.*

MOLINA, M. C: *Educação do Campo e Pesquisa: questões para reflexão.- Brasília:- Ministério do Desenvolvimento agrário, 2006.*

NASCIMENTO, C. G. *Educação e Cultura: as escolas do campo em movimento. Goiânia.*

Revista ***sem fronteiras***(N. 246 - nov. 96 - pág. 14)

RIBEIRO, Marlene. *Movimento Campones, Trabalho e Educação: liberdade, autonomia, emancipação: pricipios/fins da formação humana. Expresão Popular 2010. São Paulo: Faculdade de Educação/USP, 2000.*

Revista Iberoamericana de Educación. n.º 40 (2006), pp. 21-24
Fragmentos de Cultura/UCG-IFITEG, v. 12 nº. 3, maio/junho, 2002, 453-469, 2002.

SANTOS, Clarice Aparecida. *Educação do campo e políticas públicas no Brasil. Brasília, Liber Livro, FE, UnB, 2012.*

SARAIVA, Regina F.Coelly. HISTÓRIA MEMÓRIA E IDENTIDADE. Faculdade UnB Planaltina 2010

TINHORÃO, José Ramos. Os sons dos negros no Brasil. São Paulo: Art Editora, 1998.

Entrevistas Realizadas:

Florentino Xavier da Silva, 66 anos, entrevista realizada em 09.09.2012

Francisco Ernesto Ternemais, 76 anos, entrevista realizada em 25.05.2012

Getulia Moreira, 51 anos, entrevista realizada em 25.05.2012.

Genesi dos Anjos Sousa, 20 anos, entrevistada em 06.10.2013

Leonilde Francisco Maia, 23 anos, entrevista realizada em 25.06.2013

Paulo de Souza Ribeiro, 72 anos, entrevista realizada em 20.08.2012

Paulo de Deus Coutinho, 41 anos, entrevista realizada em 19.11.2013

Sirilo, dos Santo Rosa 57 anos, entrevista realizada em 20.05.2012.

Wanderleia dos Santos Rosa, 38 anos, entrevista realizada em 02.09.2012.

Martim Fernandes de Souza

Manoel Edeutrudes Moreira

ANEXO I - Decreto

Decreto de 20 de novembro de 2009

Declara de interesse social, para fins de desapropriação, os imóveis abrangidos pelo "Território Quilombola Kalunga", situado nos Municípios de Cavalcante, Terezina de Goiás e Monte Alegre de Goiás, Estado de Goiás.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, no uso das atribuições que lhe conferem os arts. 84, inciso IV, e 216, § 1º, da Constituição, e tendo em vista o disposto no art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias e na Lei nº 4.132, de 10 de setembro de 1962, combinado com o art. 6º do Decreto-Lei nº 3.365, de 21 de junho de 1941,

DECRETA:

Art. 1º Ficam declarados de interesse social, para fins de desapropriação, nos termos dos arts. 5º, inciso XXIV, e 216, § 1º, da Constituição, e 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, os imóveis sob domínio válido abrangidos pelo "Território Quilombola Kalunga", com área de duzentos e sessenta e um mil, novecentos e noventa e nove hectares, sessenta e nove ares e oitenta e sete centiares, situados nos Municípios de Cavalcante, Terezina de Goiás e Monte Alegre de Goiás, Estado de Goiás, com o seguinte perímetro: inicia no ponto P01, situado na confluência do Rio Prata, definida pela coordenadas geográficas de latitude -13°06'06,496783" e longitude -47°37'55,156333", Datum horizontal SAD-69 e pela coordenada plana UTM N=8550114.38m, E=214608.73m, referida ao Meridiano Central 45° WGR; daí, segue pelo referido rio com extensão de 53.123,80m, chegando ao ponto GK-7, cravado na confluência do Rio Prata com o Rio Bezerra, de coordenada UTM N=8532721.52m, E=240915.60m; deste, segue pelo Rio Bezerra com extensão de 35.145,64m, chegando ao ponto P-02, situado na Serra das Contendas, de coordenada plana UTM N=8540215.27m, E=260469.11m; daí, segue pela referida serra com os seguintes azimutes e distâncias: 140°02'00" - 1234,94m; 95°17'10" - 302,07m; 141°00'58" - 299,49m; 130°23'04" - 248,77m; 122°17'32" - 183,51m; 114°05'09" - 338,29m; 111°14'46" - 417,50m; 141°26'13" - 984,94m; 109°06'24" - 1399,31m; 154°07'01" - 1256,23m; 165°29'49" - 906,84m; 146°53'17" - 1045,48m; 176°34'45" - 413,12m; 123°26'34" - 267,95m; 166°25'17" - 185,20m; 139°07'40" - 439,50m; 101°24'53" - 149,06m; 179°04'21" - 673,41m; 153°31'00" - 938,02m; 165°16'51" - 632,24m; 175°45'25" - 1673,80m; 211°43'32" - 1669,76m; 186°49'43" - 339,11m; 212°18'47" - 1366,32m; 247°24'42" - 908,65m; 236°25'46" - 223,45m;

193°29'44" - 3922,18m; 144°04'34" - 262,99m; 215°43'14" - 563,71m; 227°43'51" - 626,30m; 213°34'40" - 330,77m; 196°39'55" - 326,35m; 208°54'27" - 234,49m; 258°31'12" - 148,73m, passando pelos pontos P-03, P-04, P-05, P-06, P-07, P-08, P-09, P-10, P-11, P-12, P-13, P-14, P-15, P-16, P-17, P-18, P-19, P-20, P-21, P-22, P-23, P-24, P-25, P-26, P-27, P-28, P-29, P-30, P-31, P-32, P-33, P-34, P-35, P-36; daí, segue por uma grota abaixo numa extensão de 1768,52m até o ponto P-37; daí, segue pelo Município de Monte Alegre de Goiás com os seguintes azimutes e distâncias: 191°11'11" - 1035,67m; 172°20'44" - 626,22m; 192°40'26" - 1249,84m; 176°46'25" - 835,65m; 121°22'47" - 506,23m; 177°30'25" - 663,47m; 218°37'59" - 1071,80m; 176°48'36" - 232,72m; 237°16'13" - 773,55m; 221°06'43" - 873,69m, passando pelos pontos P-38, P-39, P-40, P-41, P-42, P-43, P-44, P-45, P-46, P-47; daí, segue por uma grota com uma extensão de 2244.44m, até o ponto P-48, situado no encontro da referida grota com o Rio Paranã; daí, segue pelo Rio Paranã com extensão de 2431.64m até o ponto M-71; daí, segue pelo Município de Terezina de Goiás com o azimute e distância de 88°22'10" e 5.142,76m até o ponto GK2, situado na margem da Rodovia GO-118; daí, segue no mesmo Município com os seguintes azimutes e distâncias até o ponto MB4: 170°22'06" - 3.619,791m; 172°38'45" - 2.419,573m; 208°55'47" - 756,146m; 156°23'9" - 1.226,293m; 172°54'55" - 1.192,513m; 188°40'06" - 1.047,609 m; 210°27'05" - 842,966m; 166°47'51" - 1.005,817m; 159°40'40" - 988,751m, passando pelos pontos MI, ME5, ME21, ME26, MB39, MB30, MB19, MB12; daí, segue, dividindo com o Município de Nova Roma e pela Serra do Boqueirão, até o ponto ME10 com os seguintes azimutes e distâncias: 194°33'04" - 1.674,084m; 193°15'15" - 216,321m; 201°47'03" - 1.408,078m; 199°55'18" - 1.392,015m; 194°16'59" - 1.349,648m; 200°45'43" - 1.170,588 m; 176°00'56" - 1.226,178m; 180°58'52" - 953,264m; 174°02'18" - 917,632m; 154°54'24" - 1.041,611m; 120°35'45" - 591,879m; 153°10'05" - 595,104m; 222°28'15" - 436,581m; 267°15'25" - 703,374m; 228°28'44" - 960,458m; 203°45'06" - 1.446,305m; passando pelos pontos ME6, ME14, ME25, ME31, ME37, ME44, ME50, ME57, ME63, ME69, M73, ME76, ME77, ME82, ME86; daí, segue até o ponto EK7, situado na margem da Rodovia GO-118, com os seguintes azimutes e distâncias: 227°59'04" - 1.172,915m; 235°04'45" - 1.040,510m; 266°43'57" - 555,608m; 290°40'28" - 283,240m; 339°26'38" - 213,600m; 2°09'40" - 265,188m; 325°54'18" - 392,460m; 300°08'31" - 216,251m; 39°14'32" - 135,740m; 351°59'28" - 1.088,099m; 342°56'57" - 568,618m; 268°55'44" - 1.043,606m; 355°18'33" - 259,794m; 273°21'52" - 130,711m; 174°45'59" - 123,135m; 261°08'56" - 548,151m; 276°06'07" - 175,076m; 202°33'03" - 292,182m; 278°25'10" - 110,183m; 186°11'58" - 56,969m; 260°36'08" - 244,735m; 303°55'09" - 430,208m; 318°55'51" - 262,103m; 275°17'13" - 1.039,085m, passando pelos pontos ME22, ME27, G1, G2, G3, G4, G5, EK6, EK5, EK4, MB40, MB30, MB9, MB8, MB26, MB6, MB7, MB16, MB14, MB13; MB10; MB4; MBI; daí, segue até o ponto MA-18, situado na cabeceira do Córrego do Leite, no Município de Terezina de Goiás, com os

seguintes azimutes, distâncias e confrontações: 284°00'10" - 7.325,681m - Fazenda Água Fria; 315°28'08" - 627,721m - Fazenda Água Fria, passando pelo ponto M105; daí, segue pelo divisor de águas das Serras da Boa Vista e Santana até o ponto MB20 com os seguintes azimutes, distâncias e confrontações: 221°03'04" - 1.931,265m - Fazenda Água Fria; 167°38'02" - 355,953m - Fazenda Água Fria; 205°06'36" - 1.624,615m - Fazenda Água Fria; 220°56'16" - 1.510,751m - Fazenda Água Fria; 130°29'26" - 640,959m - Fazenda Água Fria; 168°22'48" - 1.332,405m - Fazenda Água Fria; 203°00'02" - 1.721,285m - Fazenda Água Fria; 213°31'31" - 3.342,184m - ÁGUA FRIA; 211°30'02" - 1.003,309m - Fazenda Santo Antonio; 240°24'27" - 858,779m - Fazenda Criminoso; 273°10'20" - 1.478,111m - Fazenda Boa Vista; 298°14'11" - 1.438,196m - Fazenda Boa Vista; 324°31'06" - 651,923m - Terras Devolutas; 353°59'19" - 1.074,156m - Sítio das Almas; 318°33'50" - 1.146,675m Sítio das Almas; 43°30'18" - 888,494m - Sítio das Almas; 5°14'57" - 768,879m - Sítio das Almas; 48°40'01" - 1.683,448m - Sítio das Almas; 334°58'46" - 658,212m - Sítio das Almas; 267°01'37" - 377,236m - Sítio das Almas; 286°55'39" - 240,416m - Sítio das Almas; 295°45'02" - 288,471m - Sítio das Almas; 356°08'04" - 1.194,707 m - Chamalote; 345°59'07" - 1.109,953m Chamalote; 20°03'31" - 1.340,537m - Chamalote; 13°22'06" - 1.121,153m - Chamalote; 323°21'47" - 597,826m - Chamalote; 250°30'55" - 1.214,945m - Chamalote; 348°53'39" - 1.007,928m - Fazenda Palmeira; 294°32'45" - 569,523m - Fazenda Palmeira; 15°39'13" - 560,441m - Fazenda Palmeira; 341°18'47" - 315,875m - Fazenda Palmeira; 323°08'30" - 215,645m - Fazenda Palmeira; 0°53'07" - 270,644m - Fazenda Palmeira; 318°08'39" - 971,704m - Fazenda Palmeira; 269°55'05" - 983,852m - Fazenda Palmeira; 254°55'01" - 526,631m - Fazenda Palmeira; 262°43'46" - 899,059m - Fazenda Palmeira; 254°35'32" - 564,571m - Fazenda Palmeira; 236°05'32" - 685,469m - Fazenda Palmeira; 245°01'43" - 1.679,829m - Descaroador; 201°35' 05" - 3.468,044m - Descaroador; 172°09'06" - 1.615,896m - Descaroador; 207°39'22" - 2.181,173m - Fazenda Bananal; 267°41'57" - 775,448m - Fazenda Garcia; 235°04'37" - 3.337,003m - Fazenda Garcia, passando pelos pontos MA17, MA16, MA15, MA14, MA13, MA12, MA11, MA10, MV28, M18, MI10, MW57, MW56, EK8, EK9, EK10, EK11, MV26, MV27, MV28, MV29, MV110, MV109, MV108, MV107, MV106, MV105; M12, M11, M10, M9, M8, M7, M6, MEK3, M5, M4, M3, M2, M1, MS6, MS5, MB25, MB23, MB22; daí, segue até o ponto MB19, situado na margem direita do Rio Claro com o azimute e distância de 337°25'32" e 1.092,999m; daí, segue pelo Rio Claro e Córrego Água Fria abaixo, até o ponto EK2, situado na barra do Córrego Água Fria, numa extensão de 23.737,485m; daí, segue até o ponto MEK1, situado à margem direita do Rio da Prata com o azimute e distância de 310°42'03" - 13.974,880m; daí, segue pelo Rio da Prata abaixo, numa extensão de 63.160,15671m até sua barra no Rio Bezerra, no local do ponto P-01, ponto de partida (Processo INCRA/SR-28/nº 54700.001287/2008-92).

Art. 2º Este Decreto, independentemente de discriminação ou

arrecadação, não outorga efeitos indenizatórios a particular, em relação a áreas de domínio público, constituído por lei ou registro público, e a áreas cujo domínio privado esteja colhido por nulidade, prescrição, comisso ou tornado ineficaz por outros fundamentos, excetuadas as benfeitorias de boa-fé por lei autorizadas, excluindo-se ainda dos seus efeitos os semoventes, as máquinas e os implementos agrícolas.

Art. 3º O Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA, atestada a legitimidade dominial da área planimetrada de imóvel situado no polígono descrito no art. 1º deste Decreto, fica autorizado a promover e executar a desapropriação, na forma prevista na Lei nº 4.132 de 10 de setembro de 1962, e no Decreto-Lei nº 3.365, de 21 de junho de 1941.

§ 1º O INCRA, independentemente de declaração judicial prévia, deverá apurar administrativamente as ocorrências referidas no art. 2º, e as invocará em juízo, para fins de exclusão da indenização.

§ 2º A Advocacia-Geral da União, por intermédio de sua unidade jurídica de execução junto ao INCRA, poderá, para efeito de imissão de posse, alegar a urgência a que se refere o art. 15 do Decreto-Lei nº 3.365, de 1941.

Art. 4º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 20 de novembro de 2009; 188º da Independência e 121º da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA
Guilherme Cassel

Este texto não substitui o publicado no DOU de 23.11.2009